

Procura por ansiolíticos aumenta nas farmácias

Venda de Rivotril, por exemplo, teve um crescimento de 22%, mas médicos alertam sobre os malefícios desse tipo de remédio. [Página 3](#)

Diversidade



Foto: Pixabay

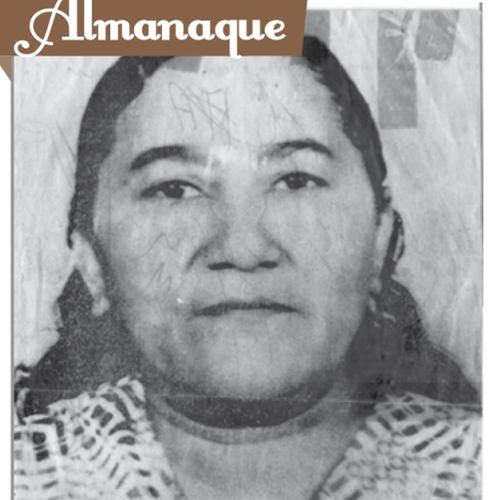


Para quando o isolamento acabar

Na Semana do Meio Ambiente, o depoimento de pessoas que vivem em harmonia com o planeta e se conectam com a natureza. [Página 15](#)

Almanaque

Foto: Arquivo



Mulher, agricultora e líder: Margarida Maria Alves

“É melhor morrer na luta do que morrer de fome!”. Frase da sindicalista ecoa até os dias de hoje, inspirando trabalhadores do campo. [Página 19](#)

Saúde

Covid-19: um bom motivo para largar o cigarro

No Dia Mundial Sem Tabaco, especialistas alertam para o risco que fumantes correm em caso de contágio pelo coronavírus. [Página 14](#)



Correio das Artes Nesta edição, um especial sobre Sivuca, que teria feito 90 anos no dia 26.

Foto: Marcus Antonius

Geral



Dia da Imprensa Profissionais da área avaliam o papel e a relevância do jornalismo nos dias atuais. [Página 4](#)

Foto: arquivo

Esportes

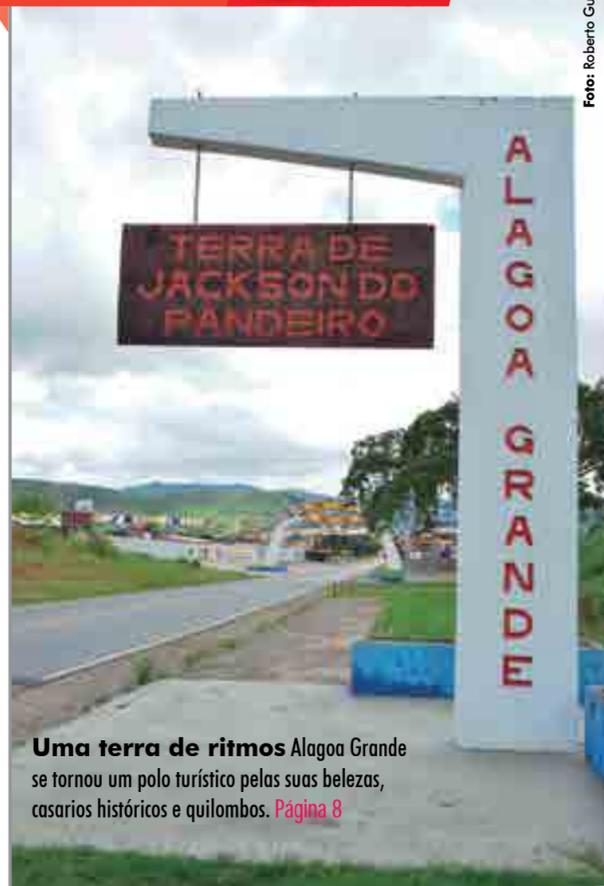


Há 20 anos eles chegaram Lá Zé Marco (E) relembra a conquista do vôlei paraibano nas Olimpíadas de Sydney. [Página 12](#)

Paraíba



Foto: Roberto Cuedes



Uma terra de ritmos Alagoa Grande se tornou um polo turístico pelas suas belezas, casarios históricos e quilombos. [Página 8](#)

Editorial

Um mundo melhor

“Nesse período, ficam intimados os humanos a interromper as dores, a esquecer as mágoas, a adiar as dívidas, a perdoar os outros.” Quem escreveu isso foi Caio Fernando Abreu, na crônica “Verão de julho”, publicada no jornal O Estado de São Paulo, edição de 22 de julho de 1987, posteriormente recolhida no livro A vida gritando nos cantos, lançado, em 2012, pela Nova Fronteira.

Nada tão atual. Muitas pessoas estão apostando na transformação do mundo, para melhor, após a pandemia da covid-19. Acreditam que os aspectos negativos, relacionados à doença, como, por exemplo, o isolamento social e o consequente agravamento da crise econômica, acabarão por germinar novas formas de viver, aliás, de conviver, baseadas na solidariedade mútua.

Há, obviamente, um número talvez idêntico ou até maior de pessoas que aposta no contrário, ou seja, entende que a sociedade global sairá da pandemia mais egoísta, desigual e violenta, com a riqueza mundial sendo repartida de maneira ainda mais injusta. O número de ricos será reduzido, enquanto as legiões de pobres e remediados terão um aporte de novos milhões de indivíduos.

Ninguém tem bola de cristal. O certo é que, como disse Ivan Lins, na sua bela canção, “depende de nós/ se esse mundo ainda tem jeito /apesar do que o homem tem feito/ se a vida sobreviverá”... Tem razão o cantor e compositor carioca. O problema é descobrir a fórmula capaz de fazer com que as pessoas pensem e ajam em sincronia, no sentido de cuidarem umas das outras.

Como imaginar que os seres humanos serão mais humanos, no mundo pós-pandemia, se milhares de pessoas, notadamente no Brasil, se recusam a obedecer às medidas mais elementares, de natureza profilática? Algumas inclusive chegam ao ponto de tripudiar das proibições, e saem às ruas sem necessidade e sem máscaras de proteção, ou seja, descaradamente.

Voltando a Caio, diz ainda o escritor, na crônica citada: “Tudo isso e muito mais será permitido e recomendável nesses dias em que palavras como crise, inflação e recessão serão sumariamente riscadas dos dicionários, bem como demitidos seus proferidores.” Que sejam proféticas as palavras do cronista. Depende de cada um fazer tudo por um mundo melhor, como diria o compositor.

Artigo

Martinho Moreira Franco

martinhomoreirafranco46@gmail.com | Colaboradora

Meu Dia da Imprensa favorito

O Dia da Imprensa para sempre fixado em minha memória não é o de um 1º de junho - que ocorre amanhã -, mas o de um 10 de setembro acontecido em ano já distante. A data, como sabem os jornalistas, mudou no calendário nacional de eventos quando a homenagem à publicação pioneira do “Correio Brasileiro” desbancou, em 1999, a celebração ao lançamento de “A Gazeta”, até então referência sobre o surgimento do jornalismo impresso em circulação no país. Curiosamente, os dois jornais nasceram no mesmo ano, o de 1808: o primeiro, em junho, editado em Londres pelo brasileiro Hipólito José da Costa; o segundo, em setembro, produzido no Rio de Janeiro, sob a proteção da corte de D. João VI.

Bom, o 10 de Setembro a que me reporto é o de 1987, quando a secretaria estadual de Comunicação Social fez publicar nos jornais locais uma peça publicitária reproduzindo a seguinte frase do governador Tarcísio Burity: “Não compreendo democracia sem imprensa livre e independente que informe corretamente a opinião pública”. A sentença fora pinçada do discurso de posse de Burity, eleito pela Assembleia Legislativa, mas que assumiria posições consideradas pouco ortodoxas no meio militar, tutor dos pleitos indiretos instituídos no Brasil pelo regime ditatorial. A mensagem obteve tal aprovação que chegou a ser veiculada em nível nacional e citada em publicações do gênero como um dos melhores apelos institucionais do ano.

/// A mensagem obteve tal aprovação que chegou a ser veiculada em nível nacional ///

Pensem na mão de obra que foi produzir o anúncio! A ideia de aproveitar a sentença saiu da cartola do secretário Carlos Roberto de Oliveira, o mago que ajudou a projetar o nome de Burity na chamada grande imprensa. Basta dizer que o governador da Paraíba mereceu páginas amarelas na revista “Veja”, em entrevista na qual defendia a criação de uma assembleia nacional constituinte, além de ocupar espaços de destaque no “Jornal do Brasil”, na “Folha de S. Paulo”, e no “O Globo” e no “Estado de S. Paulo”, para citar apenas os quatro maiores. Ideia feliz e oportuna - a da homenagear a imprensa com um desafio à censura ainda residual no país -, mas como dar-lhe formato de anúncio publicitário?

Gonzaga Rodrigues e o locutor que vos fala ofereceram lá seus pitacos, mas coube ao saudoso Milton Nóbrega, o nosso eterno papa do design gráfico, traçar a ilustração em rafe (esboço, no jargão da especialidade) do que ele próprio finalizaria na prancheta do setor de artes de A União. E nunca houve um arte-finalista como Milton na Paraíba! Resultou daí a foto de uma máquina de escrever envolta por uma corrente de ferro que se partia para simbolizar o pensamento governamental. A trabalhadora ficou a cargo do fotógrafo José Bezerra Filho: fazer o arranjo em cima de uma mesa tosca, sem outros haveres senão o da improvisação, já que eram precários os recursos técnicos exigidos para cumprimento da tarefa. O produto saiu à perfeição.

Eis o Dia da Imprensa que não quer calar em minhas reminiscências nesta véspera de junho, também mês do Dia do Aperto de Mão (21), data que em 2020, já estigmatizado pela pandemia do novo coronavírus, não poderá ser festejada nem se usando sabão amarelo ou álcool gel para ter como expressar o significado de gesto tão marcante em nossas vidas.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A Catarral, outra vez

Covid-19, a infestação provocada pelo vírus coronavírus, está demorando mais a sair do que pensavam os palacianos da Alvorada e do Planalto. O presidente provisório apostou ainda seus conhecimentos de medicina de campanha no fim precoce do vírus, segundo ele “uma gripezinha”. O pecuarista Manelito Dantas perdeu algumas rezes da cepa Guzerá D para um vírus que seu gado contraiu numa exposição em Sergipe. Só se leva gado para exposições da melhor qualidade, que o criador tem. Assim, o prejuízo de Manelito foi grande, pois perdeu seus melhores exemplares.

O presidente em exercício, que anunciou o fim da Corona, botou a viola no saco e pegou o trem das onze. É uma pena que o Brasil perca tão poderoso xamã, capaz de curar até essa infestação que trouxe pânico ao planeta. A covid-19 ataca sem distinção de cor ou crença, fazendo suas vítimas entre budistas, cristãos, muçulmanos, marxistas ou de qualquer cor que tenha o semovente.

Parece que não adianta rezar, ou o transcendental é surdo aos apelos das pessoas e famílias vitimadas. Ainda bem que a covid-19 não ataca bichos. Ou ataca, mas de maneira bem menos deletéria que aos humanos: que se saiba, só os felinos são carosáveis ao super-vírus que veio ensinar solidariedade ao bicho homem. Mesmo assim, são maninhos, pois não se reproduzem, quaisquer que sejam as estações do tempo.

Vamos ver quem vai ganhar essa luta desigual: se a poderosa natureza, se o homem e seu conhecimento acumulado. Em quem apostar? Escolha difícil. A capacidade para acumular, armazenar e transmitir conhecimentos, dão ao bicho homem grande poder. Mas a natureza tem uma carta na manga: a mutação. Quer dizer: o vírus que se combatia no começo dessa infestação já não é o mesmo. Ele muda conforme a conveniência e como soprem os ventos solares. Mudam como os dados de jogar atirados sobre o convés do navio de vento.

Parece que foram feitos um para o outro. O navio e o vento, a obra do homem cavando a vontade divina, o vento levando as almas nesse navego eterno sempre recomeçado - como queria Lamartine. Eu escrevera “Lamarine”, mas corrigi em tempo; fica a sugestão.

O relógio cibernético da Internet marca 17h51m para o início do sacrifício da missa. É a missa de João Sitônio Borges, goleiro do Belenense. O Docca de quando éramos meninos. Não pude vir ao seu sepultamento; no Brasil não se pode ir a nenhum lugar. É a quarentena. Estamos todos em prisão do domiciliar, até quando os deuses do Olimpo e do Planalto quiserem.

Como é que se pode ser batoré e gorducho e goleiro, ao mesmo tempo? João Sitônio podia.

A febre catarral maligna mata a rês em menos de 24h. Não tem antídoto, é pior que picada de cobra coral. O socorro tem de ser imediato. Se o criador estiver com o antídoto à mão, aplique e reze. Pode ser. Depois, enterre os cadáveres envenenados numa cova funda, arme uma coivara grande em cima, toque fogo e vá tomar um banho de álcool, longe do fogo. Sim para matar só os vírus.

/// A Covid-19 ataca sem distinção de cor ou crença, fazendo suas vítimas entre budistas, cristãos, muçulmanos, marxistas ou de qualquer cor que tenha o semovente. ///

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Procura por tranquilizantes aumenta durante pandemia

Em março, busca por Rivotril cresceu 22% no país; mudança de rotina e medo fazem as pessoas procurarem refúgio nos remédios

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A venda de ansiolíticos (medicamentos tranquilizantes ou calmantes) aumentou nos últimos dois meses no Brasil. O Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma) não possui dados por Estado, mas apurou que a compra do Rivotril, um dos fármacos mais prescritos nesse segmento, cresceu 22% nos meses de março e abril, em relação ao mesmo período de 2019. Embora sem dados específicos da Paraíba, redes de farmácia confirmam o aumento na procura, e profissionais de saúde afirmam que a realidade é reflexo direto da pandemia da covid-19. O alerta é para o risco que o uso dessas drogas pode representar, como o surgimento de outros problemas, entre eles, a depressão.

O psiquiatra Estácio Amaro afirmou que a mudança da rotina e o medo do desconhecido têm levado mais pessoas a buscarem esse refúgio. "A ansiedade se torna patológica e algumas pessoas têm a necessidade de usar o ansiolítico", destacou. O problema, segundo ele, é que a prescrição do médico não está sendo como deveria, porque o paciente faz um relato, insistindo pela prescrição que é feita sem a certeza se há realmente um transtorno de ansiedade. "Isso vai gerando mais insegurança, mais medo e algumas pessoas estão começando a deprimir", ressaltou.

A aposentada Lúcia Almeida, de 69 anos, toma ansiolítico e estava em fase de desmame. No entanto, com a pandemia, tem se sentido ansiosa e, com

isso, voltou à dose anterior. "É muito difícil esse momento, o afastamento das pessoas. Espero que passe logo", afirmou.

Além dos medicamentos, o psiquiatra afirmou que há um aumento no uso excessivo de álcool e outras substâncias, o que contribui para gerar ansiedade e aumentar a hipocondria, ou seja, as pessoas têm sintomas, mas não estão, de fato, doentes. "A saúde mental está cada vez mais prejudicada. Há preocupação com a saúde física, e se esquece de cuidar da saúde mental.

As pessoas estão adoecendo fisicamente ou com medo disso, o que pode aumentar o risco, inclusive, de suicídio", alertou o especialista.

Falta levantamento

A reportagem entrou em contato com o Conselho Regional de Farmácia na Paraíba (CRF), Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa-PB), Gerência Municipal de Vigilância Sanitária (Gevs) de João Pessoa que informaram não existir qualquer levantamento local sobre a venda de medicamentos de tarja preta.

+ Alento nos remédios

"Infelizmente, o que estamos vivenciando hoje é uma fase atípica. Não estávamos preparados para essa parada, a mudança financeira, do cenário de nossa rotina familiar, da convivência, da sociabilidade, do trabalho, das perdas de emprego, das mudanças de cargos e rearranjos no trabalho. É como se estivéssemos em fase de adaptação muito potencializada pelo efeito da pandemia, e é difícil". A observação da psicóloga Danielle Azevedo explica o motivo de tantas pessoas estarem buscando um alento na medicação.

Segundo ela, nenhum psicotrópico seria receitado caso o paciente não tivesse uma inclinação clínica voltado para um quadro fóbico-ansioso, por exemplo, ou de pânico, que justificasse esse transtorno de humor. Porém, a psicóloga reforçou que há risco da dependência e, por isso, é preciso cautela na prescrição.

"Acredito que a maioria dos pacientes receitados com Clonazepam, que é o Rivotril, chegou ao consultório numa fase aguda, devido à pandemia. Não tem como não aguçar o contexto da ansiedade numa fase como essa. Se uma pessoa já não tinha a prévia do autocontrole diante de imprevistos, há uma predisposição maior dessas pessoas que já tinham um histórico de crises de ansiedade, de reações psicossomáticas. É como se fosse um gatilho muito forte por se tratar de algo que envolveu o mundo inteiro", analisou.



Foto: Marcus Antoiniu

Alta na prescrição de remédios tarja preta reflete fragilidade das pessoas diante das incertezas causadas pela covid-19

Farmácias registram vendas maiores

As farmácias de grandes redes, em João Pessoa, garantem que houve aumento na procura por ansiolíticos. Na rede Drogasil, por exemplo, a farmacêutica Joyce Souza afirmou que aumentou, inclusive, a quantidade prescrita na receita médica. "Antes, era para 60 dias, agora é para 90. Não sabemos se são mais pessoas tomando ou se as mesmas pessoas estão tomando uma quantidade maior", disse.

Ela observou também que antes eram mais idosos procurando esse tipo

de medicação, e agora tem pessoas mais jovens buscando. "Tem gente que diz que não tomava nada e agora, com a pandemia, está se sentido mexido, que o problema está realmente afetado", declarou.

Na rede de farmácias Globo, a sensação é a mesma. "Não temos um levantamento, mas pelo que vejo nas vendas, número de receitas, realmente a venda de medicamentos para controle de ansiedade aumentou, até fitoterápicos ligados ao controle emocional, como calman-

tes. As pessoas dizem que estão ansiosas, estressadas", declarou Emanuelle Teles, supervisora comercial da rede na Paraíba.

O atendimento em home office trouxe a inovação da receita digital, facilitando o acesso ao medicamento. O médico precisa ter cadastro no Conselho Regional de Medicina (CRM). Já o cliente, deve apresentar a receita em PDF, e a farmácia verifica se está em conformidade. A confirmação também é feita pela leitura do QRCode.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

"VAMOS DISCUTIR ISSO APENAS NO FINAL DE JUNHO", AFIRMA VENEZIANO SOBRE ADIAMENTO DAS ELEIÇÕES

Líder do PSB no Senado Federal – e também líder do bloco parlamentar 'Senado Independente', formado ainda pelos partidos Cidadania, Rede, Patriotas e PDT –, Veneziano Vital do Rêgo (foto) tem acompanhado de perto as discussões no Congresso acerca de um possível adiamento das eleições municipais, marcadas para o dia 4 de outubro, de acordo com o calendário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). De acordo com o parlamentar, é quase ponto pacífico entre os congressistas a necessidade de se aprovar uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) para transferir a eleição para outra data, possivelmente em dezembro, em função da evolução da pandemia de coronavírus no país. Contudo, o senador é cauteloso ao abordar o tema, sob o argumento de que é preciso acompanhar como estará o cenário da pandemia nos meses que se seguem.

"Qualquer fala minha ou de quem quer que seja, seria uma precipitação, por que passamos por um fato imprevisível. Não podemos dizer se vamos ter ou não a eleição em outubro, neste momento. Ainda não dá para o Congresso decidir se elas ocorrerão em outubro ou em dezembro", explicou. Veneziano afirmou que este debate deverá se afunilar no final deste próximo mês: "Vamos discutir isso apenas no final do mês de junho", disse.



Foto: Divulgação

"MEDIDA RAZOÁVEL"

Os procuradores-gerais do Ministério Público aprovaram nota técnica em que se posicionam sobre a prorrogação das eleições de 2020: O colegiado "admite ser o adiamento das eleições uma medida razoável para harmonizar a compatibilidade entre a preservação do direito à saúde dos eleitores e da legitimidade do princípio democrático representativo".

CONTRA A UNIFICAÇÃO

Contudo, os procuradores-gerais afirmam que "eventual adiamento da data do pleito municipal deve, necessariamente, estar limitado ao ano civil corrente, ou seja, não pode ultrapassar 2020 de modo a afetar a temporariedade dos [atuais] mandatos". Assim, o CNPG afirma ser "incogitável qualquer tentativa de unificação das eleições [em 2022]".

MAIORIA QUER ADIAMENTO

De acordo com Veneziano Vital do Rêgo, o consenso entre os congressistas é que o adiamento das eleições é uma necessidade premente. Porém, a maioria defende a transferência para outro mês desse mesmo ano, mas não a prorrogação de mandatos, com a unificação das eleições em 2022. "O adiamento tudo bem, mas a prorrogação é algo remoto [de passar]".

SAI OU NÃO SAI?

Em Campina Grande, o bloco situacionista tem mais de uma pré-candidatura a prefeito. Mas só ficaremos sabendo se algumas delas são mesmo "pra valer" nesta próxima semana, dia 4, quando se encerra o prazo para quem ocupa cargo público se desincompatibilizar e, assim, ficar apto à disputa de cargo eletivo. Será que Tovar Correia (PSDB) deixará a Secretaria de Planejamento?

UM NOVO APOIO

E por falar em adiamento das eleições, a proposta recebeu novo apoio: do Conselho Nacional de Procuradores-Gerais do Ministério Público dos Estados e da União (CNPG). A decisão sobre o assunto ocorreu em reunião por videoconferência, da qual participou o procurador-geral de Justiça da Paraíba, Francisco Seráfico Ferraz da Nóbrega Filho.

PARA SENADOR, POSTURA DE BOLSONARO BARROU AS MEDIDAS PRÉVIAS DE COMBATE À COVID-19

O agravamento da covid-19 no Brasil se deveu também à postura equivocada assumida por Bolsonaro logo no início da pandemia, afirma o senador Veneziano Vital do Rêgo. "Não houve uma atitude responsável por parte do presidente. Se medidas prévias [de enfrentamento] tivessem sido tomadas desde os primeiros momentos da doença, estaríamos numa situação melhor".

Desafios do jornalismo: uma reflexão no Dia da Imprensa

Profissionais analisam mudanças e lamentam tratamento dispensado à imprensa no Brasil nos dias atuais

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Amanhã, 1º de junho, comemora-se o Dia da Imprensa, um dos pilares da democracia, atualmente sob ameaça de não poder, por meio da atividade

jornalística, apurar e investigar livremente as informações e divulgá-las em forma de notícia. A imprensa pouco tem o que comemorar, já que os jornalistas passam por inúmeras dificuldades para exercer o seu ofício.

O profissional de imprensa, além de enfrentar o perigo de contaminação pelo novo coronavírus, quando sai às ruas, tem que conviver com constantes ataques político-ideológicos e até agressões físicas por parte de fanáticos defensores

da extrema-direita em ascensão no Brasil.

O trabalho do jornalista é hoje uma atividade de risco, em todos os sentidos, e esse profissional já começa a temer pelo seu futuro, devido às mudanças estruturais que a

imprensa vem passando. Entretanto, sempre há uma luz no final do túnel, e a imprensa vai se adaptando às novas tecnologias da informação e das comunicações, num processo de convergência para as novas mídias e o jornalista vai des-

bravando novos campos de atuação.

A fim de trazer uma reflexão adicional sobre a atual situação da imprensa, o Jornal A União apresenta depoimentos de alguns profissionais do jornalismo paraibano.



Foto: Edson Matos

Gonzaga Rodrigues

"Deixo de situar a imprensa nessa conjuntura sufocante, pavor a cada instante, morte, morte, morte. Prefiro o mirante em que sempre a vi, um jornal aberto como uma janela para o mundo, dando tempo a você respirar, refletir, voltar a ler, fechar as páginas, abrir de novo. Esta é a imagem que conservo em meu oratório de crenças e ideias, curtido por toda a vida. Esta imagem, exposta ao mundo no auge da imprensa simbolizada pelo jornal IL GIORNO, que era ampla, universal em todas as línguas, hoje se reduz ao milagre de A UNIÃO. Seu vizinho, o mais antigo da América Latina, o "Diário de Pernambuco", fechou. Jogou no lixo a alma de Pernambuco das revoluções

Gonzaga Rodrigues é cronista, jornalista e membro da Academia Paraibana de Letras.

libertárias. Não suportou a velocidade imposta às ansias de hoje. Ansias que não são por saber ou pela informação de boa origem. Dou-me por compensado e até feliz em poder abrir meus braços de pele bem engelhada e sentir na A UNIÃO o cartaz do IL GIORNO, que não sei se ainda existe. É a imprensa que comemoro".



Foto: Arquivo pessoal

Laerte Cerqueira

"O jornalismo passa por mais uma profunda mutação na forma, na prática e processos de reconstrução dos fatos. Transformações sociais, econômicas e tecnológicas sempre forçaram este movimento. E, apesar de parecer perder o protagonismo informacional para os livres canais de produção, distribuição e compartilhamento de conteúdo, na mão de qualquer cidadão, o jornalismo profissional ganha ainda mais importância. A pandemia mostra seu poder de curadoria, quando organiza os fatos e desmonta as notícias falsas. Amplifica seu poder de mediação quando faz a ponte entre fontes confiáveis e população. Revela, mais do que nunca, seu poder educacional, quando, de maneira didática, apropria-se de ferramentas para ajudar a descomplexificar os fatos. Já os agentes antidemocráticos desse nosso tempo vão atacar o jornalismo porque ele é feito

Laerte Cerqueira é jornalista (repórter da TV Cabo Branco, professor universitário. Doutor em Comunicação (UFPE); autor do livro 'A função pedagógica do telejornalismo'

de interrogação. E o autoritarismo odeia a interrogação. A questão é que na interrogação do jornalismo profissional está a trincheira aberta da justiça social, da diminuição das desigualdades sociais, da busca incessante pelo bem comum".



Foto: Arquivo pessoal

Suetoni Souto Maior

"Eu diria que o jornalismo vive hoje o seu momento mais desafiador. Eu comecei a trabalhar em jornal, como foca, em 1999. Dei meus primeiros passos em A União, que me moldou como profissional. A tecnologia nos abriu um mundo de oportunidades, mas trouxe dificuldades também, com a chegada das redes sociais. Elas se mostraram grandes ferramentas de propagação de informações, mas, infelizmente, viraram também campo fértil para a atuação de milícias especializadas na produção e disseminação de fake news. De repente, nós, profissionais da imprensa, nos vimos com as missões de informar o leitor/ouvinte/espectador

Suetoni Lucena Souto Maior é jornalista de política da CBN-PB e Jornal da Paraíba

e ao mesmo tempo desmentir fake news. Hoje, o Brasil virou um dos lugares mais perigosos do mundo para o ofício de jornalista. Eu, vez por outra, vivo às voltas com e-mails e mensagens ameaçadoras. A maioria de nós, que hoje militamos na área, fomos lançados no mercado no período democrático. Por muito tempo, vimos gestos ameaçadores e golpistas serem rechaçados rapidamente. Hoje, o grande desafio da imprensa é impedir que o vírus do autoritarismo nos envolva e nos sufoque. Mesmo assim, digo com orgulho: vale a pena lutar".



Foto: Arquivo pessoal

Land Seixas

"No Dia da Imprensa, algumas profissões precisam ser saudadas, entre elas a do jornalista, um verdadeiro herói, pelo o que ele está fazendo ao arriscar a própria vida em plena crise da comunicação para manter a população informada sobre a situação dessa pandemia que afeta o Brasil e mundo. Além disso, o mercado do jornalista vem sendo atingido por uma crise econômica sem precedentes no país, o que tem gerado a diminuição dos postos de trabalho no setor de impress. Os nossos profissionais de imprensa têm sofrido todo tipo de agressões verbais e até físicas, ao tentar colocar a notícia para a sociedade da maneira mais correta possível. Então, no dia 1º de junho, que é dedicado

Land Seixas é presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba.

à imprensa mundial, nós jornalistas temos o dever de nos posicionar contra esse tipo de processo que estão querendo impor para que o jornalismo mude de direção e seja feito para agradar. O jornalismo é feito para se colocar o que é correto, a verdadeira informação para a sociedade e para o povo do nosso país".



Foto: Ortilo Antônio

Agnaldo Almeida

"É um dia que a classe jornalística reverencia naturalmente, mas nós vivemos graves problemas na área própria da comunicação, porque se a gente falar em meio impresso, em mídia eletrônica, existe uma diferença para o impresso sair perdendo. Então é uma redução de mercado. E a gente continua formando profissionais na universidade e essa turma tem que se adaptar ao novo tipo de jornalismo que está surgindo agora. Então, há de que se comemorar pouco, porque a rigor nós estamos perdendo mercado. Agora, a outra parte, no caso do Brasil, é que grupos políticos, inclusive o que está no exercício do poder, tendo à frente o presidente da República, acharam de eleger a imprensa como inimiga. A função do jornalista é perguntar e a obrigação do

Agnaldo Almeida é escritor, jornalista e ex-presidente da Associação Paraibana de Imprensa.

gestor público é responder. Se não souber, diz que não sabe; se não quiser responder diz que não quer, mas isso com civilidade, o que não é o caso. Os jornalistas continuam resistindo, embora a gente tenha que simultaneamente separar o joio do trigo, porque entra também nessa avaliação a questão da qualidade do jornalista, o caráter, a qualificação técnica e ética, em suma, todas as qualidades que são inerentes ao exercício da profissão".

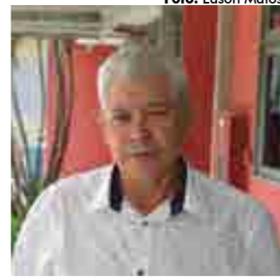


Foto: Edson Matos

João Pinto

"O papel da imprensa na sociedade é muito importante. Se a imprensa não divulgar os acontecimentos não toma conhecimento, e os fatos passam despercebidos, seja na política, na área cultural, na empresarial, na ciência ou na economia. Quando a imprensa trata de assuntos que agradam certos grupos, ela é reverenciada por esses mesmos grupos e vai lá para cima. Quando divulga assuntos que ferem interesses, mesmo que prime pela verdade, a imprensa não presta mais. É preciso que fique claro que a imprensa tem a verdade e tão somente a verdade como prioridade. Acrescento que é também importante afirmar que mesmo com o

João Pinto é jornalista e presidente da Associação Paraibana de Imprensa

fechamento das portas de empresas de jornais impressos do Brasil, existe outra porta que se abre para o jornalista, que tem que se reinventar para atuar na área do jornalismo digital. Essa é a saída, principalmente aqui na Paraíba, que é um estado pequeno. As mídias digitais têm sido a salvação para que os profissionais de imprensa não fiquem de mãos abanando".

Artigo

William Costa
Diretor de Mídia Impressa da EPC

A primeira coisa

O ser humano vem utilizando diversos meios de comunicação, ao longo da história, a começar dos primitivos urros e fogueiras até os sofisticados computadores de hoje. A informação diversificou-se e sofisticou-se. No entanto, nesse processo – principalmente, na mensagem com vistas à divulgação e interpretação de fatos relevantes da vida em sociedade –, a veracidade jamais perdeu sua condição de elemento fundamental do conhecimento.

Imagine o que teria acontecido com a história das civilizações se os mapas fossem adulterados e não traduzissem corretamente as rotas marítimas ou a posição dos astros. Os navios encontrariam rochedos em vez de mundos novos. Uma mentira pode mudar

o rumo da história, seja real ou fictícia. Não fosse a mentira, os troianos jamais teriam sido derrotados pelos gregos, para lembrar aqui um dos clássicos da literatura universal, da lavra de Homero.

A história da imprensa confunde-se com a das sociedades modernas. Quantos entraves foram vencidos para que a prensa de tipos móveis iniciasse o processo de democratização internacional de livros, revistas e jornais, posteriormente acrescido de impressionantes suportes eletrônicos, para conteúdos audiovisuais, ferramentas até hoje utilizadas para remover a ignorância, essa pedra que insiste em permanecer no meio do caminho da civilização.

A experiência humana consumiu muitas vidas; muito sangue foi derramado até que se compreendesse que a organização social só encontra sentido no estabelecimento de uma ética a favor da vida; de comportamentos sociais alicerçados na tolerância, na liberdade, na justiça. Sem a esperança em uma sociedade mais justa, pacífica, afetiva e harmônica – também em relação à natureza –, o ódio, combustível da barbárie, não pode ser neutralizado.

Se a democracia é um dos melhores modelos de convivência, embora careça de reparos e acréscimos permanentes, não se pode esquecer que a imprensa é um dos pilares dessa concretização – embora precária – do sonho de coexistência solidária. Por-

tanto atacar a imprensa é pelear contra essa ponte, erguida com tanta dificuldade, para tentar deixar para trás os desacertos e transportar o gênero humano para outro patamar na escala evolutiva da espécie.

A verdade incomoda o poder, e este, quanto mais tirano, mas afetado fica. O exercício do poder, em uma democracia, implica no respeito à liberdade de expressão. A imprensa cumpre o papel de esclarecer o povo acerca de suas contradições e fiscalizar as instituições, apontando-lhes eventuais abusos com vistas ao aprimoramento. Poder que tenciona controlar o povo pela mentira, a primeira coisa que faz é tentar coibir a função primária da imprensa.



Foto: Teresa Duarte

A nova normalidade

Campanha propõe reflexão e sugestões para um mundo mais justo, humano e solidário na pós-pandemia

Foto: Arquivo Pessoal



Maria Ellem: compromisso do cidadão com a construção participativa

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

O novo coronavírus já deixou sequelas. Na economia, na vida social, no cotidiano. É fato que nada será como antes. Na tentativa de que o mundo pós-pandemia seja um lugar melhor movido pelo senso coletivo e solidariedade, pesquisadores do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) integram um projeto latino-americano que discutirá a “nova normalidade” do mundo, impulsionada pelo Conselho Latino-americano de Investigação para a Paz (CLAIP). A iniciativa conta com uma campanha e um manifesto tratando sobre o assunto.

A campanha “Uma nova normalidade” tem como objetivo massificar a proposta pela reflexão de atitudes coletivas que possam melhorar o mundo e reduzir as desigualdades estabelecendo um novo marco civilizatório. A precariedade no sistema de saúde mundial, evidenciada com a pandemia, crise econômica, desigualdades sociais, miséria, poluição e degradação ambiental são temas debatidos na campanha.

Os pesquisadores Paulo Kuhlmann, Maria Ellem Maciel, Fábio Nobre e demais integrantes do Grupo de Estudos de Paz e Segurança Mundial da Universidade Estadual da Paraíba (GEPASM/UEPB) e do Pro-

jecto Universidade em Ação (PUA), ambos vinculados aos cursos de graduação e pós-graduação em Relações Internacionais, além do professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Marcos Alan Ferreira, membro do GEPASM, estão nesta iniciativa.

Segundo Maria Ellem Maciel, uma das integrantes da campanha, a finalidade principal é contar cada vez mais com pessoas engajadas em criar uma corrente de opinião crítica sobre a normalidade antes do início da pandemia estimulando o compromisso do cidadão com a construção participativa de uma nova normalidade, justa e necessária, por meio da conscientização e reflexão coletiva.

“A gente tem que tentar fazer do mundo um lugar melhor para as gerações futuras, principalmente. A presença de uma ação dessa natureza, nesse momento, é imprescindível para a transformação de práticas sociais anteriores que contribuíram para o nível de afastamento afetivo e desigualdades sociais em que nos encontramos hoje. No Brasil a gente assiste a crescente de uma polarização que exalta o pior dos seres humanos. Apenas o exercício constante da empatia se mostra como único caminho para a transformação da sociedade e esse é um dos pontos principais dessa campanha”, relata a pesquisadora.



“Uma nova normalidade”: valores do marco civilizatório pós-covid-19

Foto: Céline Martin/Pixabay

Para conhecer a campanha, basta ir ao site unanuevanormalidad.org. O manifesto, que contém as motivações para a iniciativa, está disponível para adesão no mesmo link. Entre outras questões, são apresentadas reflexões sobre temas como consumo irresponsável, desigualdade social, exclusão, relações de ódio, pobreza, precariedade dos sistemas de saúde, exploração dos bens naturais, violência, entre outras reflexões que devem ser apresentadas em uma plataforma de mobilização de pessoas. O documento já conta com a assinatura de mais de 200 organizações e empresas de aproximadamente 30 países.

O manifesto ressalta a coletividade em detrimento do egoísmo em prol da vida e do consumo consciente; substituição de representações políticas pela lógica da participação deliberativa, direta e transversal para o fortalecimento da democracia; reconhecimento de diferentes formas de conhecimento e desenvolvimento de uma educação pública e gratuita de qualidade; concepção de saúde para além das enfermidades; o encontro a partir do respeito às diferenças, entre outras.

A campanha disponibiliza um manifesto que já conta com a assinatura de organizações de 30 países. O documento ressalta aspectos como solidariedade, respeito à diferença, a vida acima da economia e a democracia



No contexto pandêmico, relações de trabalho são bem afetadas

Neste contexto, as relações de trabalho são as mais afetadas desde o início do período de isolamento social. Mediadas pelas redes sociais e internet, os regimes de trabalho, em sua maioria, estão sendo realizados em home office. Para o período pós-pandêmico, a vida “normal” deve seguir com alterações que serão resultados do impacto do novo coronavírus.

Fernando Firmino da Silva, doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas, mestre em Ciência da Informação e professor de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba e Universidade Estadual, avalia que diante deste cenário, a internet tem se tornado

mídia central em todo o mundo.

“A internet está se tornando a mídia central da humanidade. Claro que a televisão e outras mídias continuam com seu espaço. É importante perceber que os streamings e lives passam pela internet que está se tornando uma matriz canalizadora da produção, circulação e consumo de informações e conteúdo de uma forma geral”, avaliou Firmino.

Para a Caroline Colpo, professora da Universidade Federal da Paraíba, limites precisam ser impostos dentro dessas relações de trabalho já que, neste momento, limites de horário não estão sendo respeitados e as pes-

soas acabam trabalhando cada vez mais.

“Para o período pós-pandêmico, a vida ‘normal’ deve seguir com alterações que são resultados dos impactos do novo coronavírus.”

“As relações de trabalho serão prejudicadas mais ainda. Geralmente quem demanda o trabalho perde a noção do horário de tra-

Foto: Arquivo Pessoal



Fernando Firmino explica que internet está se tornando mídia da humanidade e do espaço de trabalho do trabalhador. Então ele fica o tempo inteiro demandando trabalho e o funcionário, do outro lado, achando que tem que estar o tempo inteiro respondendo àquilo. O home office não é ruim, mas precisa existir um limite nessas relações de trabalho”, enfatizou Colpo.

PESQUISA TOLUNA FEITA ENTRE 8 E 10 DE MAIO EM ALGUMAS CAPITAIS, CASO NÃO EXISTA VACINA

■ 63,6% das pessoas acreditam que o trabalho remoto deverá ser mantido

■ 62,3% continuariam sem frequentar shows

■ 62% deixariam de frequentar cinemas e teatros

■ 57% não frequentariam academias

Leite materno contra o coronavírus

Pesquisadores estudam a eficácia das substâncias contidas no alimento na prevenção à covid-19



Foto: Pixabay

Juliana Cavalcanti
Especial para A União

Um grupo da Escola de Medicina Icahn do Monte Sinai, em Nova York e da Universidade da Califórnia em Merced revelou, em recente estudo, que o leite materno de mulheres que tiveram covid-19 apresenta forte resposta imunológica ao novo coronavírus. Alguns pesquisadores inclusive afirmam que o leite poderia até ser usado como terapia contra a doença. Mas o assunto ainda está sendo estudado e não há evidências de que isto seja realmente uma possibilidade.

Para alguns especialistas, poderia ser possível a utilização do leite no tratamento da covid-19, utilizando o leite materno de forma terapêutica nos bebês, uma vez que os dados apontaram para a existência de uma forte resposta imune ao SARS-CoV-2 no leite humano após a infecção na maioria das mulheres contaminadas.

De acordo com a coordenadora do Banco de Leite Humano Anita Cabral, que compõe a rede estadual de saúde, Thaise Ribeiro, já existem pesquisas com relação a não transmissão vertical, ou seja, se a mãe estiver com o vírus, o bebê

não é contaminado pelo coronavírus através do parto, nem tem sua formação comprometida. Segundo ela, as investigações apontam algumas barreiras como a placenta, as imunoglobulinas, além das proteínas que existem no útero da mulher, no cordão umbilical e no líquido amniótico, além do próprio leite materno.

“Estão sendo realizados vários experimentos sobre como não ter essa transmissão pelo leite, para saber o que tem nesse leite, o que tem no organismo da mulher e nesse processo de lactação que faz com que o vírus não seja transmitido. Por isso que é importante o leite

materno para o bebê prematuro e para todas as crianças: é pela quantidade alta de imunoglobulinas. Já se verificou que o leite humano é cheio de IgA e IgE e provavelmente o número de IgA que existe é tão grande que está fazendo essa barreira contra o vírus”, esclareceu.

Porém, a coordenadora Banco de Leite Zilda Arns da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), Daniele Maciel, ressalta que estas não são pesquisas oficiais do Ministério da Saúde, mas sim feitas em outros países. Por isso, alerta que os dados dependem de mais estudos para serem confirmados.

+ Amamentar não é via de infecção

Conforme a coordenadora do Banco de Leite Humano Anita Cabral, Thaise Ribeiro, até agora não existem evidências científicas que comprovem a transmissão pelo leite materno da covid-19, isto é, nenhum estudo comprovou a presença do vírus em secreção de leite humano. Por isso, a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano afirma que a mulher com o vírus pode amamentar o bebê normalmente.

A amamentação não é contraindicada, mas devido ao perigo de contaminação pelas gotículas ou contato com as mãos, a mãe (com sintoma gripal ou não) deve tomar os cuidados de biossegurança e condutas higiênicas sanitárias, tais como lavar as mãos antes de pegar o bebê, usar máscaras e, se possível pedir a outras pessoas para dar banho, trocar fralda e

coloca-lo para dormir. Ela deve também lavar a mama apenas com água porque o sabonete resseca o mamilo.

Caso a mãe não queira amamentar diretamente ao seio, ela pode ainda ordenhar esse leite e oferecer ao bebê ou solicitar que outra pessoa administre este leite por copinho ou colher, sempre com as mãos higienizadas.

Nenhum estudo comprovou a presença do vírus em secreção do leite humano. Por isso, a mãe com o vírus pode amamentar seu bebê normalmente

DOAÇÕES NA PANDEMIA

■ No momento, o banco de leite não está recebendo mães para doação. Por isso, o Zilda Arns possibilita a rota domiciliar, realizada por uma técnica de enfermagem de segunda a sexta, das 8h às 12h. Danielle Maciel ressalta que a profissional que faz a coleta utiliza todos os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e disponibiliza o mesmo material de segurança para cada doadora (máscara e gorro).

■ Para entrar em contato com o banco de leite Municipal, pode-se ligar para 3214-1390 ou via WhatsApp 98795-8192 para o cadastro e/ou agendamento. Devido a pandemia, o Banco de Leite Zilda Arns atende agora em expediente diferenciado: de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h. A coordenadora do espaço explica que as práticas de higiene durante coleta e transporte do leite materno estão sendo reforçadas seguindo as orientações da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (RBLH-BR).

Os benefícios do leite materno

Conforme o Ministério da Saúde e a OMS, amamentar promove a redução de peso da mulher, além de diminuir o risco de câncer de mama, de ovário e de útero e ajuda na saúde pós-parto, já que o útero se contrai e volta ao tamanho normal mais rapidamente, prevenindo as mortes relacionadas às hemorragias. Assim, a recomendação é que elas amamentem até os dois anos ou mais e de forma exclusiva até o sexto mês.

“O leite materno nos primeiros dias, o colostro, é rico em fatores de proteção, em fatores imunológicos, por isso que se chama a primeira vacina. Então, vai ajudar o bebê a enriquecer o sistema imunológico pra evitar as doenças e também gera um vínculo muito forte entre mãe e filho por conta do contato pele a pele. Ele reconhece o cheiro da mãe e a batida do coração nesse contato”, observa Daniele Maciel.

Imunidade

“Nele está todo o conteúdo de nutrientes, os tipos certos de proteína que a criança deve absorver. Para o bebê, o leite materno promove uma imunidade. Para a mãe, o risco de mortalidade materna diminui com a liberação dos hormônios específicos para a amamentação que favorecem o útero. Para a mãe que apresenta excesso

Para a mãe, o risco de mortalidade materna diminui com a liberação dos hormônios para a amamentação que favorecem o útero

de leite e tem a possibilidade de doar, a gente observa que isso evita as mastites e as intercorrências mamárias que podem arriscar a saúde dela. Os bebês que recebem são recém-nascidos, prematuros, de baixo peso”, concluiu a gestora do banco da Rede Estadual, Thaise Ribeiro.

Foto: Arquivo Pessoal



Daniele Maciel explica que o leite materno fortalece a imunidade do bebê



Foto: Arquivo Pessoal

Thaise Ribeiro, coordenadora do Banco de Leite Humano, explica que mesmo não sendo contraindicada, a amamentação requer muitos cuidados de proteção para que a mãe com covid-19 não transmita a doença para o bebê

Amor gestado no coração

Na Semana da Adoção, um alerta: 80,3% das crianças são rejeitadas por serem maiores de 10 anos

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Na semana em que se celebra o Dia Nacional da Adoção - 25 de Maio - milhares de crianças em todo o Brasil, aguardam para encontrar uma família. Mas há aquelas pessoas que contribuem para que esses números diminuam. O que motiva essas pessoas? O amor, simples assim.

A fotógrafa Annie Baracat, 41, diz que sempre alimentou o desejo de ser mãe - porém não de engravidar. Aos 29, solteira, amadureceu a ideia de que partiria para a adoção, mas só deu entrada na papelada sete anos depois. Passou pelo processo de habilitação durante todo o ano de 2015 e conheceu o amor de mãe do coração ao receber Murilo (Lilo) nos braços, aos seis meses de idade, no dia do seu aniversário de 38 (hoje ele tem 4 e os dois são unha e carne).

"A maternidade me empoderou como mulher e ser humano. Ser a única responsável pelo seu filho te dá

aquela sensação de ter que fazer, de ir atrás, de arranjar força e conseguir", define.

Ser "solo" foi antes um fator encorajador do que intimidante, diz: "Sou filha de mãe solteira também. Os meus pais se separaram quando eu tinha três meses de vida e, desde então, nunca tive padrasto. Habilitar-me sozinha como mãe adotiva não foi difícil, e entendo que a longa espera foi necessária, mas ir aos encontros preparatórios e dividir as experiências com amigos e parentes, em vez de um companheiro, foi diferente. Mas não entendo isso como impeditivo, quando o desejo em ser mãe estava acima de tudo", recorda.

Ela, que trabalhava como assistente executiva, sofreu três demissões em um ano e meio até decidir levar para as lentes a paixão pela maternidade, fotografando outras "mães do coração".

"Faço ensaios de 'Gestação Invisível' com as famílias enquanto aguardam pelo filho. Comecei a estudar fotografia quando ainda es-

perava pelo Lilo, inspirada nos books americanos de mães do coração, uma tendência em alta lá", lembra.

Ela conta que o ato de fotografar também foi uma forma de lidar com a ansiedade. A chegada do bebê fez com que o laço entre a artista-mãe e os modelos transpusesse os frames: "A importância de fotografar casais, as mães solo que vivem o mesmo que eu, é poder captar coisas que outros talvez não veem: o amor de só quem vive sabe".

O trabalho, que surgiu de um amor incondicional, e foi para as lentes pode ser conferido através do Instagram @anniebaracatfotografia.

///Sou filha de mãe solteira também. Habilitar-me sozinha como mãe adotiva não foi difícil, e entendo que a longa espera foi necessária ///



Foto: Arquivo Pessoal

A mãe Annie Baracat recebeu seu filho Murilo, com seis meses de idade, no dia do seu aniversário



Michelli Ferrari, da OAB: perfil idealizado ainda é um obstáculo

34 mil estão em abrigos

Hoje, quase 34 mil crianças vivem em abrigos no país à espera de adoção, segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento do órgão informa que das 33.840 crianças e adolescentes em abrigos no país, 5.059 estão aptos à adoção, sendo que 2.726 já iniciaram o processo. Há mais interessados em adotar: 36.437, mas a conta não fecha porque 83% têm acima de 10 anos, faixa aceita por apenas 2,7% dos pretendentes.

"O maior obstáculo é conciliar as discrepâncias entre os perfis do filho e os das crianças nos abrigos. Os pais geralmente querem bebês ou menores de 4 anos e rejeitam irmãos, adolescentes ou aquelas com deficiência", constata a advogada Michelli Ferrari, presidente da Comissão da Criança e Adolescente da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB). "Precisamos quebrar nos pais o estigma de que o recém-nascido nasce 'limpo', ao contrário da criança, que carrega consigo os traumas do crescimento. Hoje conseguimos adotar irmãos, crianças mais velhas, com doenças crônicas e negras mais facilmente do que antes. Nós não procuramos uma criança certa para a família, e sim a família certa para a criança", diz o juiz Adailton Lacet, da 1ª Vara da Infância e Juventude da Paraíba.

///Os pais geralmente querem bebês ou menores de 4 anos e rejeitam irmãos, adolescentes ou aqueles com deficiência ///

68 processos em 2019

De acordo com dados de 2018 da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), existem atualmente 36 instituições de acolhimento para crianças e adolescentes distribuídas em 23 municípios da Paraíba. No entanto, o número de crianças abrigadas é difícil de estimar, como informou a gerente executiva da Proteção Social Especial, Maria Madalena Pessoa Dias. A 1ª Vara da Infância e Juventude, que abrange as comarcas de João Pessoa e Campina Grande, concluiu 68 processos de adoção em 2019, contra 25 até agora - estes relacionados à retirada da criança do núcleo familiar.

"Esta é a última instância a que a Justiça recorre, quando todas as tentativas de convívio familiar falham. Quando o Conselho Tutelar recebe uma denúncia de violência praticada contra a criança dentro de casa, comunica ao Ministério Público e dá início às primeiras medidas protetivas. Se o quadro persiste, o MP tenta pela lei afastar o familiar agressor. Caso, ainda assim, a medida não surta efeitos, apela-se para os parentes próximos, como avós ou tios. O recurso último é direcioná-la à institucionalização", relata a promotora de Justiça promotora de Justiça Juliana Couto Ramos.

É o caso das 47 crianças e adolescentes que vivem nas cinco casas de acolhimento mantidas pela Prefeitura de João Pessoa (Morada do Betinho, Jesus de Nazaré, Casa Lar Manaira, Casa Feminina e o Serviço de Família Acolhedora). "Todos que estão aqui sofreram algum tipo de violência doméstica, de ordem física ou sexual. No Lar Jesus de Nazaré, onde tradicionalmente chegam mais bebês do que nos demais abrigos, há hoje mais agilidade nos processos de adoção", diz a coordenadora geral da Alta Complexidade da PMJP, Edilene Brandão.



Fotos: Teresa Duarte

O belo Teatro Santa Ignez, um dos mais antigos do Brasil, que foi inaugurado no dia 2 de janeiro de 1905; o Memorial Jackson do Pandeiro e a Matriz de Nossa Senhora de Boa Viagem são pontos turísticos importantes

Alagoa Grande: um convite ao turismo no Brejo da PB

Município conhecido como a terra de Jackson do Pandeiro tem prédios históricos bastante conservados

Teresa Duarte

teresaduarte2@hotmail.com

A terra do rei do ritmo, José Gomes Filho, nome artístico Jackson do Pandeiro, é um convite para o turismo histórico e rural com grande potencial que pode ser economicamente explorado. Localizada na microrregião do Brejo paraibano, Alagoa Grande teve um grande desenvolvimento no século XIX, através da agricultura baseada na cana-de-açúcar que utilizava intensivamente a mão-de-obra escrava, sendo também, berço dos filhos ilustres Margarida Maria Alves, líder sindical; Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Mello, advogado, diplomata, jurista e político brasileiro; e do poeta Apollônio Zenayde.

O município ainda conta com casarões muito bem conservados no centro da cidade que testemunham momentos de grandeza econômica, sendo eles construídos por escravos. Alguns desses casarões são cobertos por azulejos importados de Portugal no século XIX. Mas não somente os antigos casarões embelezam o centro da cidade. É no município que está instalada uma das belas igrejas existentes na Paraíba. Trata-se da Matriz de Nossa Senhora de Boa Viagem, que foi idealizada e fundada por seu primeiro vigário, Frei Alberto Cabral, em 1861.

A igreja foi inaugurada em 1868, em estilo clássico, mas reformas ocorridas ao longo dos anos também lhe deram traços góticos e barroco. A catedral possui duas torres altas, o que significava poder e imponência numa sociedade escravocrata. Na torre direita fica o sino da igreja e na torre esquerda foi instalado um relógio trazido dos Estados Unidos em 1930. A cruz de 150 cm, instalada no cume central da igreja, é símbolo do catolicismo. A Matriz de Nossa Senhora de Boa Viagem fica de frente ao belo Coreto muito bem preservado.

Na Praça Dom Aduino também fica o Memorial Jackson do Pandeiro, que nasceu em Alagoa Grande no dia 31 de agosto de 1919. O memorial conta com um belo acervo do filho ilustre, cantor e compositor de forró e samba, assim como de seus diversos subgêneros (baião, xote, xaxado, coco, arrasta-pé, quadrilha, marcha, frevo). Além do memorial, a cidade tem um gigantesco pórtico em forma de pandeiro, instalado na entrada do município, circundado por uma placa proporcional ao monumento, com os dizeres "Alagoa Grande - Terra de Jackson do Pandeiro". O pórtico em forma de pandeiro é ponto de parada para turistas para fotografias.

É em Alagoa Grande que fica instalado o belo Teatro Santa Ignez, um dos mais antigos do Brasil, que foi inaugurado no dia 2 de janeiro de 1905, com uma arquitetura clássica em estilo Italiano sendo um dos pontos turísticos mais importantes. Ele foi tombado pelo IPHAEP em

1979 e, após diversas restaurações serem iniciadas, porém não concluídas ele foi reaberto no dia 27 de março de 1999, tornando-se um dos pontos de visitação mais importantes de Alagoa Grande, cuja arquitetura é um espetáculo na viagem no tempo. Outro ponto que é bastante visitado no município é o Morro do Cruzeiro, onde está instalado um cruzeiro onde as pessoas vão acender velas, além de apreciar uma bela visão da cidade.

Uma história de luta é registrada na Casa de Margarida Maria Alves, que fica na rua Olinda, no Centro da cidade. Um museu foi montado na casa onde residiu e foi assassinada a líder sindical de grande repercussão junto às autoridades e donos de engenho da região, culminando com sua morte brutal no dia 12 de agosto de 1983 por um matador de aluguel que, utilizando-se de uma escopeta, deferiu-lhe tiro único e certo em seu rosto, desfigurando-lhe o lado esquerdo. Margarida era uma camponesa de 40 anos, casada e mãe, chegou à presidência do Sindicato Rural de Alagoa Grande em 1973 e investiu pesado contra os usineiros de cana de açúcar na região, cobrando-lhes a devida obediência aos direitos humanos e às leis do trabalho.

Outro ponto turístico em Alagoa Grande é o Engenho Lagoa Verde da Cachaça Volúpia, que, atualmente possui cinco tipos de cachacas conhecidas no Brasil, sendo elas: as linhas tradicional, envelhecida, miniatura, porcelana e a Cocktail. O Engenho Lagoa Verde é formado por uma reserva de mata serrana, com nascentes, cachoeiras e áreas preservadas onde são realizadas eco trilhas, onde o visitante pode ver todo processo da fabricação da cachaça a cada etapa da plantaçaõ que é feita de maneira orgânica e colhidas manualmente, sem queima. No local, além da visitaçaõ ao

processo da fabricaçãõ, conta com uma loja onde são comercializados todos os tipos da cachaça e ainda o Restaurante Banguê.

A gastronomia regional é um ponto forte no turismo local. Além do engenho da Cachaça Volúpia, o turista pode visitar o Maria da Pá Virada Bistrô, lugar tranquilo em contato direto com a natureza, aliado a uma boa comida artesanal, feita com produtos selecionados e naturais. Seguindo para zona rural do município, o turista vai poder conhecer vivenciar a vida no Quilombo Caiana dos Crioulos. A comunidade é formada por 130 famílias que vivem principalmente de culturas de subsistência, como feijão, fava, milho, mandioca, inhame, batata-doce, bem como da criação de animais e da fruticultura, mantendo ativas as tradições herdadas de seus antepassados, preservando vários traços de sua cultura e história de uma comunidade que está estabelecido no local há mais de 150 anos.



Caiana dos Crioulos é uma área de aproximadamente 160 hectares e conta com várias atrações

Tradição dos quilombolas

Ednalva Rita do Nascimento nasceu e se criou na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, localizada em Alagoa Grande, Brejo paraibano, a cerca de 122 quilômetros de João Pessoa. São 130 famílias que residem em uma área de aproximadamente 160 hectares, que vivem principalmente de culturas de subsistência, como feijão, fava, milho, mandioca, inhame, batata-doce, bem como da criação de animais e da fruticultura, mantendo ativas as tradições herdadas de seus antepassados, preservando vários traços de sua cultura e história de uma comunidade que está estabelecido no local há mais de 150 anos.

Ela conta que não sabe informar a sua geração, o que sabe é que nasceu e sempre viveu na Caiana dos Crioulos, "eu nasci e me criei na Caiana dos Crioulos, não sei qual a minha porque são muitas gerações, ou seja, por ser um quilombo onde os nossos ancestrais viveram para cá para se esconder da luta e buscar a liberdade, são histórias que eles costumavam preservar para eles. Então, nós fomos crescendo e não sabíamos sequer a origem do lugar exato que viemos porque até hoje não sabemos de onde vieram os primeiros habitantes desse quilombo que é o mais tradicional da Paraíba".

Entre as manifestações culturais da comunidade estão os grupos de Coco de Roda e de Ciranda, formados principalmente por mulheres, que se apresentam em eventos culturais e educacionais na Paraíba e em outros estados brasileiros. Toda essa história hoje é atrativo turístico por conta da cultura que é mantida, "nós temos aqui a vivência de toda uma cultura quilombola, então, eu decidi unir essa cultura das dan-

ças e todo o ritual a nossa culinária que é rica também, e hoje o turista que chaga aqui vai degustar uma deliciosa galinha de capoeira, o quarenta e muitos outros pratos", revela Ednalva.

A implantação do turismo de vivência e experiência na comunidade foi iniciada com a Banda de Pifanos (banda cabaçal), que desde a década de 1940 a comunidade era conhecida pela banda que animava festas na sede do município de Alagoa Grande. Depois, veio as apresentações culturais (danças típicas como a ciranda, o coco de roda, apresentações de capoeira, maculelê, forró pé de serra), gastronomia típica quilombola e a comercialização de artesanato e produtos da agricultura familiar. "Nós também temos no quilombo o turismo de aventura que é realizado na trilha ecológica da Pedra do Reino Encantado (percurso de 2 Km), onde o turista tem uma belíssima paisagem da região e também visitar o museu quilombola".

O grande diferencial no restaurante implantado na Caiana dos Crioulos está na qualidade dos alimentos sem agrotóxicos que são colhidos na própria comunidade, além do quarenta, prato típico usado pelos primeiros habitantes do lugar feito do milho que é alimento diário até hoje na comunidade.

"O quarenta é uma comida feita com o farelo do milho que é diferente do cuscuz, ou seja, o seu diferencial é na maneira de fazer e na consistência do alimento; outro prato que tem um grande diferencial no nosso restaurante é a Tilápia cujo molho é feito com o quiabo" destacou. Para agendar a um dia de vivência na Caiana dos Crioulos basta apenas entrar em contato com Ednalva através do fone (83) 99986-0233.



Localizada na microrregião do Brejo paraibano, Alagoa Grande teve grande desenvolvimento no século XIX, através da agricultura baseada na cana-de-açúcar



Foto: Divulgação

Saga de um refugiado sírio é relatada em quadrinhos

Francês Fabien Toulmé conta como foi idealizado 'A odisseia de Hakim', cujo 1º volume é lançado no Brasil

Audaci Junior
audaciaunia@gmail.com

“Nunca pensei que isso pudesse me acontecer. Mas me dei conta de que qualquer um pode virar um ‘refugiado’. Basta que seu país desmorone. Ou você desmorona junto, ou você vai embora”. Esse depoimento é do jovem sírio chamado Hakim, o protagonista do mais recente álbum do francês Fabien Toulmé, mesmo autor de *Não Era Você que Eu Esperava e Duas Vidas*.

O drama dos refugiados é esmiuçado na trilogia em quadrinhos, cujo primeiro volume é lançado no Brasil, *A Odisseia de Hakim - Da Síria à Turquia* (Nemo, 272 páginas, R\$ 64,90), sobre alguém que deixou sua família, amigos, trabalho, país – enfim, sua vida – para trás para resgatar a esperança de um futuro com segurança em outro lugar, completamente desconhecido, por conta do caos da guerra.

“Tudo isso veio por causa de um acontecimento que não tem nada a ver com a questão dos refugiados, que foi um acidente de avião”, revelou o quadrinista, em entrevista para o *Jornal A União*. O fato foi aquele ocorrido em 2015, quando um piloto da empresa alemã Germanwings, em 24 de março, matou 150 pessoas derrubando deliberadamente o avião no qual pilotava nos Alpes franceses.

“Isso me chocou muito”, conta Toulmé, que tem receio de viajar de avião. “Eu me projetei nessa situação”. Segundo ele, a mídia francesa focou muito nessa tragédia. Foi no mesmo período da crise dos refugiados na Europa. Quando assistia ao noticiário televisivo, o âncora relatou superficialmente que 400 refugiados morreram afogados no mar do Mediterrâneo, sem o mesmo impacto quanto ao outro infórtunio.

Para entender melhor a crise dos refugiados, Fabien conta que foi atrás de uma pessoa que pudesse testemunhar. Por isso, entrou em contato com centros que acolhem os refugiados na França. Encontrou muitos obstáculos, desde imigrantes que não queriam falar das suas experiências e permanecer no anonimato, até o medo por questões de segurança devido a situação do país de origem.

Graças a uma amiga jornalista, o autor teve acesso ao pedido de asilo de Hakim. “Nesse dossiê, ele contava sua história. Percebi que era uma história muito comum para essas pessoas em fuga, e, ao mesmo tempo, extraordinária para todos nós que não vivemos essa experiência”.

De início, Fabien Toulmé pensou em publicar a saga em uma revista que se chama *La Revue Dessinée*, que publica reportagens em forma de quadrinhos. “Quando comecei a pensar mais nessa ideia, percebi que precisava de muitas páginas para contar essa história. Não podia fazer simples-

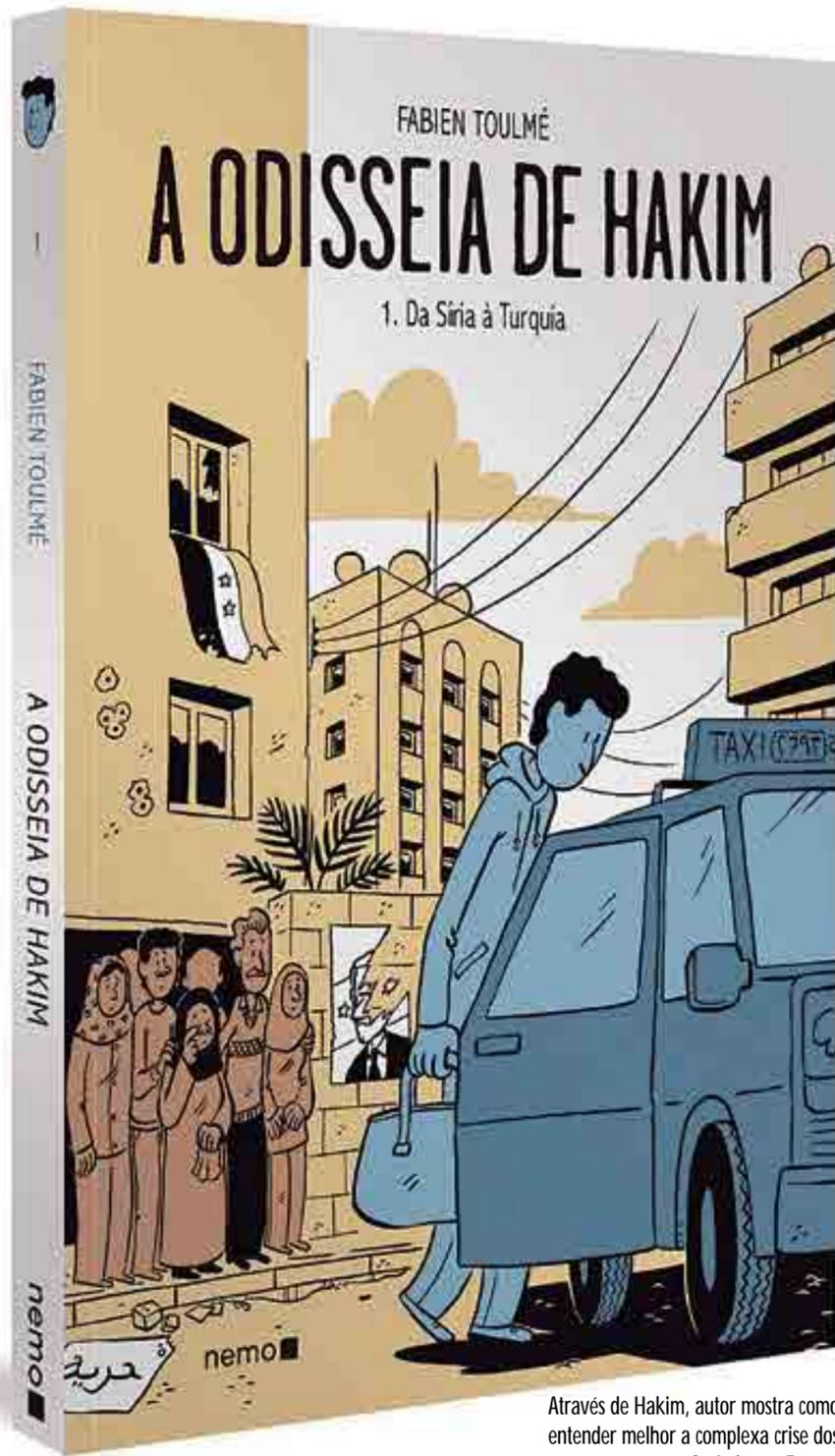


Imagem: Divulgação

Através de Hakim, autor mostra como entender melhor a complexa crise dos refugiados na Europa

mente um resumo da situação, pois ela é bem complexa”.

Abandonando a ideia de se limitar a poucas páginas de uma revista, o autor começou a cogitar a possibilidade de fazer um livro. À medida que foi tendo as entrevistas, acabou virando uma trilogia. “Precisava contar de uma forma que o leitor pudesse entender melhor como se dá essa queda social numa situação dessas. Falei com o meu editor que precisaria de mais volumes”.

Para as conversas, Fabien conta que precisou de um intérprete, já que Hakim

só falava árabe inicialmente. “Procurei ficar o mais próximo possível da realidade”, explica. “O objetivo desse quadrinho é relatar uma história mais humana. O que fiz para introduzir o assunto e ajudar o leitor a entender melhor foi pesquisar sobre a situação política na região da Síria em que Hakim viveu, bem como o contexto de guerra”.

Sobre as questões icônicas como locais, vestimentas e cenários, Toulmé já conhecia de viagens quando mais jovem por países como a Síria, o Líbano e a Jordânia.

“Quando me falhava a memória, a internet é uma excelente ferramenta para recuperar imagens. Também fui ajudado pelo próprio Hakim e pelo intérprete, que me corrigiam se algo que desenhava não representava a realidade”.

O quadrinista analisa que, enquanto produz as páginas da obra, a pessoa vive aquela situação. “Sou mais um contador de histórias. Não pretendo ser um jornalista. O que sei fazer é retransmitir a emoção da vida de uma pessoa e recontar essa história. Esse é meu foco”.



Imagem: Divulgação

Primeira parte de uma trilogia, HQ mostra o drama de quem deixa para trás a insegurança de um país em guerra

Novo projeto tem seu foco em João Pessoa

Por causa da pandemia decorrente do covid-19, a terceira e última parte de *A Odisseia de Hakim* está prevista para sair no começo de junho. Fabien Toulmé diz que a crise sanitária não afetou tanto sua rotina, já que trabalha mais em casa. O problema do isolamento social é não poder sair para se renovar e ter mais inspiração.

“Quando apareceu o vírus, muitas pessoas saíram da cidade grande e fugiu para os campos. Isso é meio que uma forma de ser um refugiado”.

Um exemplo que o quadrinista lembra que está muito próximo da realidade brasileira é a questão dos refugiados vindos da Venezuela, inclusive os que encontraram um lugar aqui, na Paraíba. “O poder político não está conseguindo fazer com que a população possa viver de maneira decente. Então, muitos tentaram chegar ao Brasil para conseguir uma vida melhor. Pode acontecer em qualquer país. Ninguém pode falar que vai escapar certamente desse tipo de coisa. Basta uma pessoa chegar ao poder e dizer que agora tudo vai mudar, que vai colocar na prisão quem estiver contra ela. Pensamos que estamos longe disso, mas pode chegar muito rápido. Da mesma maneira que ninguém estava pensando que aconteceria uma pandemia como essa na qual estamos vivendo”.

Fabien morou por um bom tempo na Paraíba, onde conheceu a sua esposa quando era um estudante de Engenharia Civil na UFPB. Fala que a saudade não bate tão forte, já que ele vem muitas vezes para cá, mesmo com medo de viajar de avião. “Estava aí no mês de fevereiro, semanas antes de acontecer a crise do coronavírus aqui, na França”, relembra.

Ele confessa que sente falta do clima, do sol, da praia e de comidas como a sopa de caranguejo, ou de sair para o centro da cidade, ou ainda ir ao Almeidão para torcer pelo Botafogo comendo espetinho. “Enfim, um pouco de tudo do ambiente da Paraíba”, conta, aos sorrisos. “É bom se ter a oportunidade de conhecer duas culturas, dois países, que você pega o melhor de cada um”.

Sobre novos projetos, ele revela que já está trabalhando em dois de uma vez. Um, com base na realidade, tem foco em João Pessoa, mas ele não quer revelar mais do que isso ainda. “Prefiro avançar um pouco mais”, justifica.

O outro será uma ficção com base nas relações humanas, assim como *Duas Vidas*. “É meio que um road trip com uma pessoa de idade e sua neta, que vão debatendo, discutindo e relatando as relações amorosas de ambas e, através dessas histórias, vamos percebendo como é a evolução de relacionamentos entre homem e mulher através das gerações”, resume.

Foto: Divulgação



Toulmé sente saudade das praias paraibanas e de torcer para o 'Belo'

Artigo | Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Bolsonaro e o STF

Muitas pessoas que torcem pela queda do governo Bolsonaro se frustraram com a divulgação do vídeo da reunião ministerial. Elas esperavam que a gravação criasse um ponto de virada na trama da novela política brasileira, que trechos da conversa fossem confissões criminais explícitas e irrefutáveis que levassem ao *impeachment* ou à renúncia do presidente da república. Essa expectativa tão elevada deixou a desagradável sensação de que o “tiro foi disparado com uma bala de festim”.

É ingenuidade acreditar que o governo cairá assim. O mundo da política tem lógica e temporalidade própria. O fim de um governo, por meio de *impeachment*, implica sempre num processo que envolve a perda de governabilidade, baixa aprovação popular e falta de apoio da elite econômica. Não é assim algo que acontece do dia pra noite. Dilma Rousseff, por exemplo, começou a perder aprovação popular com as manifestações de 2013, até ser destituída do cargo em 2016.

Bolsonaro hoje tem a menor aprovação desde que assumiu a presidência. A última pesquisa XP/Ipspe apontou que 50% dos brasileiros reprovam o seu governo. Esse número aumentou progressivamente nos últimos meses. Em grande medida, é resultado da forma irresponsável como Bolsonaro conduz o enfrentamento ao covid-19, negando a gravidade da pandemia, fazendo declarações insensíveis, demitindo ministros, se opondo ao isolamento social, contrariando normas sanitárias ao participar de manifestações políticas de rua.

Outro fator importante é o tratamento autoritário e desrespeitoso dado por ele aos profissionais de imprensa. Alguns dos principais veículos de comunicação do país estão em rota de colisão com o presidente. A Rede Globo e os jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* deixaram de fazer coberturas no Palácio da Alvorada por causa de agressões contínuas aos seus profissionais.

O governo do presidente Bolsonaro, além dos ataques à imprensa, contribui para uma relação conflituosa entre os poderes da república, endossando manifestações que pedem o fechamento do STF. No vídeo da reunião ministerial, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, chamou os ministros do supremo de vagabundos e pediu a prisão deles. Essas declarações motivaram o STF a convocar Weintraub a prestar depoimento na Polícia Federal sobre suas declarações.

A crise entre o governo e o STF tende a se agravar. Na última semana, a Polícia Federal cumpriu 29 mandados de busca e apreensão ordenados pelo ministro do Supremo Alexandre de Moraes. A operação teria como objetivo a investigação sobre criação e difusão de notícias falsas contra a Suprema Corte. As pessoas atingidas estão diretamente ligadas à família Bolsonaro, entre elas, empresários, blogueiros e militantes. Um grupo de deputados bolsonaristas foi ainda intimado a depor na PF.

O aprofundamento das investigações deve revelar um esquema organizado de produção e divulgação de notícias falsas nas redes sociais e em sites de notícias. Será possível conhecer mais a fundo como operam as milícias digitais bolsonaristas, os seus mecanismos de financiamento, o núcleo de criação e as estratégias de disseminação. Cabe ainda recordar que as notícias falsas tiveram um papel decisivo nas últimas eleições presidenciais. Existe um processo no TSE que pede a cassação da chapa de Bolsonaro-Mourão que, segundo o novo presidente da corte, Luís Roberto Barroso, será pautado em breve.

O cerco democrático ao autoritarismo do governo começa a aumentar, o que consequentemente faz crescer o seu tom autoritário. O desenrolar dos acontecimentos mostrará até onde vai o ímpeto despótico de Bolsonaro e a força das nossas instituições democráticas.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A violência e o vazio da existência

Quando o cidadão está desprovido de afeto e também abandonado pelo Estado na garantia à vida e na exclusão do mercado de trabalho, se estabelece o ódio nas relações sociais e institucionais, de forma a degenerar a existência. Na violência, o cidadão se anula diante dos direitos e deveres e se torna inútil. Nesse espaço dissociativo, os cidadãos se destroem uns aos outros e são vítimas da morte da dignidade e se associa à forma de poder do governante, porque o ódio se caracteriza como uma ideologia de Estado. A violência governa cada vez mais os cidadãos num espaço social caótico que se transformou em medo por estrangular todo tipo de humanismo e por ser uma ameaça à vida. O Estado, que não discute e minimiza a violência, dá apoio a ela e induz os cidadãos conviverem com a violência de forma ideológica.

A tipologia da violência pode ser natural e artificial. A natural é inata à natureza humana e não é possível impedi-la porque está associada à sobrevivência, e um dos sintomas é a exclusão social e a perversa distribuição de renda. A artificial é a brutalidade da força de domínio de uns sobre outros, de forma a destruir a dignidade humana. Como exemplo temos o esmagamento da cidadania; o abandono da própria existência; o genocídio; a necropolítica, na qual a política da morte escolhe quem deve viver e morrer. Nesse contexto, observa-se que a violência se apresenta numa relação de ódio entre uma ideologia coercitiva e a norma jurídica que constituem a consciência autocrática de um cidadão patologizado.

As teorias para analisar a violência podem ser científicas ou filosóficas. Os modelos surgem a partir da necessidade de atender uma escassez para a sobrevivência; também estão relacionadas as psicofísicas que apontam as falhas psicológicas e existenciais. Para o filósofo esloveno Slavoj Zizek (1949-), uma de suas teses apresenta a existência de uma violência objetiva que surge do capitalismo. Ele critica o conceito de tolerância por ser uma exaltação à violência invisível, porque oculta um



Foto: Divulgação

Filósofo e teórico crítico esloveno Slavoj Zizek ódio que dá origem a um modelo de violência real. E por distanciar-se do real cria-se modelos para preencher o vazio numa existência ou subjetividade. Zizek, ao analisar as falhas da sociedade, verificou que existe a negação da autoridade do outro, e que o cidadão se manifesta a partir da própria paranoia e narcisismo. Zizek sugere criar uma Ordem Simbólica num novo ambiente da linguagem. Essa tese foi a partir do conceito de violência subjetiva e simbólica do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), em que Zizek afirma ser a violência uma consequência da sociabilidade humana, e que o Real é traumático e não pode ser simbolizado ou expressado com palavras, e só existe como uma categoria abstrata e não está fora da realidade. O Real é o núcleo da realidade que a nossa capacidade de simbolização não alcança, e só é possível percebê-lo entre as brechas de uma malha simbólica através de microfragmentos. Esse real é uma aparente interpretação da “coisa em si”. Zizek afirma que o simbólico desperta com a aquisição da linguagem. Ele diz: “um homem só é rei porque os seus súditos se comportam perante ele como um rei”. Nesse contexto, o Imaginário é idêntico ao Simbólico. Enquanto o Simbólico se relaciona ao aproximar às Leis e regras que compõem a

realidade, o Imaginário se incorpora aos sentidos.

Na extensão dessa coluna *Estética e existência*, sintá-se convidado para a audição do 269º Domingo Sinfônico, deste dia 31, das 22h até às 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br ou sintonize FM 105.5. Nesta edição, vamos conhecer o compositor e regente húngaro Franz Liszt (1811-1886).

Walt Whitman (1819-1892)

*Aproveita o dia
Aproveita o dia,
Não deixes que termine sem teres
crescido um pouco.
Sem teres sido feliz, sem teres alimentado
teus sonhos.
Não te deixes vencer pelo desalento.
Não permitas que alguém te negue o
direito de expressar-te, que é quase um dever.
Não abandones tua ânsia de fazer de
tua vida algo extraordinário.
Não deixes de crer que as palavras e
as poesias sim podem mudar o mundo.
Porque passe o que passar, nossa
essência continuará intacta.
Somos seres humanos cheios de paixão.
A vida é deserto e oásis.
Nos derruba, nos lastima, nos ensina,
nos converte em protagonistas de nossa
própria história.
Ainda que o vento sopra contra, a
poderosa obra continua, tu podes trocar
uma estrofe.
Não deixes nunca de sonhar, porque
só nos sonhos pode ser livre o homem.
Não caias no pior dos erros: o silêncio.
A maioria vive num silêncio espantoso.
Não te resignes, e nem fujas.
Valorize a beleza das coisas simples,
se pode fazer poesia bela, sobre as pequenas
coisas.
Não atraíções tuas crenças.
Todos necessitamos de aceitação, mas
não podemos remar contra nós mesmos.
Isto transforma a vida em um inferno.
Desfruta o pânico que provoca ter a
vida toda a diante.
Procuress vivê-la intensamente sem
mediocridades.
Pensa que em ti está o futuro, e encara
a tarefa com orgulho e sem medo.
Aprendes com quem pode ensinar-te as
experiências daqueles que nos precederam.
Não permitas que a vida se passe sem
teres vivido...*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Uma claraboia já me basta

Descobri que tem um senhor brasileiro em São Paulo, muito rico e que possui objetos que pertenciam ao poeta Fernando Pessoa. Não entendo o interesse de uma pessoa pelas luvas de Michael Jackson, que um par delas já foi vendida pelo valor recorde de US\$ 200 mil. Sequer os óculos de Freud, um tênis velho de Janis Joplin, as sandálias coloridas de Frida Kahlo ou um vestido da princesa Diana. Eu queria apenas o retrato de meus avôs, que não os conheci, e ficaram pregados na parede da sala da nossa casa no sertão. Uma claraboia já me bastava.

Tem pessoas com muito ou sobrando dinheiro que gostam de possuir coisas que pensam ser preciosas. Tem joias que passam de mãe para filha e neta e bisneta e a maioria do tempo ficam guardadas numa caixinha. Seja você, seu diamante. Já eu acho bacana ir a shows, passear pelo mar, ligar para amigos queridos, comer queijo de manteiga e tomar o inesquecível Old Parr. E gosto de me apaixonar por pessoas inteligentes.

Gostaria ter dinheiro para viajar, passar o resto da minha vida visitando culturas diferentes e entrar naquele sobrado onde a atriz Catherine Deneuve foi Séverine e passava as tardes fazendo amor, com elegância e beleza infinita, no filme *Belle de Jour*, de 1967, de Luis Buñuel. Eu queria entender o que apaixonou Deneuve naquele lugar. Eu gosto tanto de Fernando Pessoa. Em *Preságio*, ele diz: “Quem quer dizer o que sente, não sabe o que há de dizer. Fala: parece que mente... Cala: parece esquecer...”

Vamos a São Paulo? Não, na pandemia não. Sempre juntava dinheiro e ia ver anualmente a Mostra de Cinema Internacional de São Paulo. Era no mês de outubro. Ficava no apartamento da jornalista Selma Tuareg, em Pinheiros. Saímos todos os dias para ver os filmes. Ah, São Paulo nas ruas da Paraíba.

Uma noite, saindo do Cine Copan (hoje é uma igreja evangélica), Tuareg disse: “Olha, aquele ali é o Caio Fernando de Abreu, que você gosta. Eu dei uma carreira: Olá, Fernando, eu queria ser sua noiva. Ele riu assustado e disse: “Quem é você?” Eu sou sua noiva, respondi. Lembrei ao escritor o texto que tinha escrito na *Folha*, no dia anterior, dizendo que São Paulo era sua noiva. Ele me abraçou.

Eu gosto de Caio Fernando de Abreu, apesar de gostar mais de Gal cantando Jobim, assim: “Aquele velho história, de um desejo, que todas as canções, têm pra contar, e veio aquele beijo, aquele beijo, aquele beeeeeeijo”.

Eu não aguento mais a quarentena. Minha mulher fez um bolo de maisena e eu lembrei da minha mãe, mas maisena não tem nada a ver com a minha claraboia. Nada.

Já que falei do Pessoa. O meu heterônimo preferido é Álvaro de Campos e até já gravei um vídeo a ler um poema seu, *Soneto já antigo* – “Raios partam a vida e quem lá ande!” Nunca deixem de ler Fernando Pessoa. Nem que sejam as quadrinhas que ele escreveu e hoje servem a tantos fadistas.

Ah! Uma morena bonita de endoidecer, que me carregasse para longe dessa pandemia, do vazio, mapeasse o caminho dos seres ou não seres. Eu ia esquecendo de dizer: onde estão os poetas? Aqui não é cidade que mais tem escritores, poetas etc.?

Para que os bem-intencionados, prossigam pela arte sem interferências, uma claraboia já me bastaria.

Kapetadas

- 1 - Sim, Diga-me com quem andas e te direi fica em casa, é bem melhor.
- 2 - Meu bruxismo é no cabelo que já está da minha cinturinha de pilão.
- 3 - Som na caixa: “São, São Paulo meu amor, São, São Paulo quanta dor”, Tom Zé.



Foto: Divulgação

Catherine Deneuve em ‘A Bela da Tarde’ (1967), de Luis Buñuel

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Hollywood e a outra face do seu glamour

Um dos maiores dramaturgos do mundo, William Shakespeare, esculpiu o aforismo que se tornaria ontológico, ensinando o ser humano, logicamente, cabendo muito bem naquilo que vou falar. Em um de seus poemas, disse: "Duvide do brilho das estrelas...". E sentença: "Como posso ir mais longe se meu coração aqui pertence?" E, assim, muitos são levados pelo sortilégio de um estrelato qualquer.

Vendo então a minissérie em sete capítulos *Hollywood*, que estreou na plataforma de *streaming* agora em maio, pela Netflix, chegamos à conclusão do que terá sido o real glamour, o estrelato, na conhecida "meca" do cinema hollywoodiano. Sobre tudo na sua fase inicial. Confundida, como sempre foi, apenas como um grande marco traçado pela indústria cinematográfica.

Muitas vezes encobrindo o que realmente existiu em seus bastidores de produção e filmagens, o seriado, de certo modo, desnuda esse mito. Verdades e lendas que têm trazido à tona a verdadeira face de Hollywood, como o fez também, recentemente, *Filmando Casablanca*, de Tamás Yvan Topolánszky, aqui igualmente comentado nesta coluna.

Produzido pela dupla de roteiristas e produtores de televisão e cinema, Ryan Murphy e Ian Brennan, *Hollywood* tem a distinção de redescobrir o que se passou (e é possível que ainda seja assim) no início do tão badalado glamour da "Cidade do Cinema": a fantasia desenfreada, a homossexualidade e a discriminação social, sobretudo contra roteiristas, atores e atrizes negros. E esses são os ingredientes temáticos da minissérie.



Ator Dylan McDermott e a atriz Patti LuPone, na minissérie 'Hollywood', que estreou recentemente no Netflix

Escancarados estão, em *Hollywood*, dentre os muitos que transitaram nos corredores dos estúdios, os sortilégios e as personalidades duvidosas de astros e estrelas, como as do cineasta George Cukor e do ator Rock Hudson. Este que, até para o simples "cinéfilo" de outrora de nossas salas de cinema, sempre foi o galã de performance masculina duvidosa. Protagonizado por Jake Picking, ele é assediado o tempo todo por agentes e produtores de caráter igualmente ambíguo. Em *Hollywood*, o assédio, abuso e preconceito são largamente focados, sobretudo naqueles personagens homens, situações que não seriam habituais em produções desse tipo, revelando o lado obscuro da indústria do cinema norte-americano.

Com uma estrutura narrativa inteligente, usando de metalinguagem, a minissérie explora a face incógnita de cada

personagem. Tanto do roteirista Archie, vivido pelo ator Jeremy Pope, como da atriz Laura Harrier, no papel de Camille, que pretendem o estrelato. Ambos são negros, por isso mesmo, execrados o tempo todo. Menos para Jack (David Corenswet), um obstinado em querer ser "astro", como para o jovem diretor Ansley (Darren Criss), que busca a todo custo realizar seu filme *Meg*, personagem fadado à decepção e a saltar do alto de uma das letras que formam a emblemática Hollywood.

O tipo mais caricato e representativo daquele cinema é o do ator Dylan McDermott, que interpreta, sem retoques, um cafetão de garotos de programa, em um posto de gasolina. A minissérie é um bom treino para quem tem *feeling* e busca os enigmas da sétima arte. – Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexantost.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertbarbosa@bol.com.br

A casa é tudo

"A casa é tudo".

Este é o verso que inicia o poema *Pastoral da casa antiga*, de meu livrinho *Ofertório dos bens naturais*, que faz a transição entre *A comarca das pedras* e *Caligrafia das léguas*, constituindo, parece, uma trilogia lírica e telúrica enquanto paisagem natural de uma possível geografia poética.

Quando o escrevi, como muitas coisas que escrevi, nem sabia bem o que estava dizendo. Sou por excelência um poeta meio inconsciente do que faço. Daqueles que não escrevem as palavras, mas as palavras é quem os escrevem. Tanto é assim que, ao me reler tantas vezes, me desconheço e tenho a nítida sensação de que não fui eu que escrevi aquilo. Vejo e não me vejo na melodia de meus versos.

Mas nem ousou falar disso. Os teóricos, místicos e iniciados de qualquer natureza que elucidem estas questões impenetráveis. Que investiguem o ouro negro que germina nos reservatórios da criação.

Por enquanto, quero falar, sim, da casa, porque sei: a casa é tudo.

Não fazer uma outra pastoral, porém, como um insólito arquiteto que imaginou seus aposentos, quartos, salas, cozinha, despensa, banheiros, Biblioteca, varandas, terraços e quintal, assentar a cerâmica do sonho e da verdade que bafeja na intimidade de cada ambiente.

O covid-19 está lá fora, rondando o meu sossego e estragando o meu silêncio, com suas artilharias invisíveis e sua gosma fulminante, alheio à fragilidade da moral, da ciência e da religião. Está lá como o mal absoluto, indiferente ao sofrimento dos homens e às suas histórias de fé, de amor, de justiça e de paz. Esta lá fora, mas poderia estar cá dentro, disseminando os estilhaços de seu veneno letal. Afinal, o coronavírus é uma guerra, e a guerra, como diz Marques Rebelo, num título primoroso, "está em nós".

Ele, lá fora respirando mortalmente as suas vítimas; eu, aqui dentro da casa, tricotando o tecido das horas. Ora, no meu quarto, ora na sala, ora no quintal, ora na Biblioteca. Sempre na convicção de que habito um planeta feito de equilíbrio e harmonia. Uma estação memorável a selar um currículo existencial sempre a se refazer na incompletude de seus postulados. Por isto, não o temo. Embora saiba de seu poder e da sua crueldade. E a casa, que é tudo, eu sei, me defende e me abriga das dores do mundo.

Aqui no meu quarto encontro os brinquedos da infância, um cavalinho de pau que restou da fazenda, quando suas fibras desmoronaram e apodreceram no martelar dos anos. Daqui ainda escuto o aboio do vaqueiro Zé Padeiro, convocando Turmalina, Neblina e Labirinto para engolir a ração crepuscular dos dias e os bredos da noite, naquilo que a noite possui de delírio e alucinação.

Sim, moro na cidade, mas o campo, especialmente o odor da caatinga e dos marmeleiros, não me sai da memória e impregna a solidão das paredes de minha casa, seus detalhes formulados por uma estrutura de fantasia e encantamento.

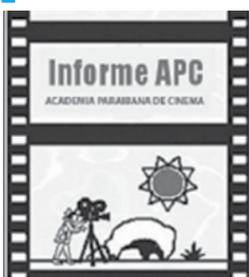
Na sala, a cadeira de balanço é um alento; o velho cinzeiro de madeira de lei reclama a fumaça do passado; o terraço me lembra o alpendre que abrigava os olhos azuis de meu avô Miné, a suspirar para a terra como se a terra fosse uma sementeira de milho bonecando e um curral entupido de reses do melhor quilate.

A casa, para mim, tece uma poética do espaço e culmina numa metafísica instantânea, como quer Bachelard. É concreta, mas preserva o elemento inefável do poético. Por isto mesmo, a casa nunca está pronta. A casa se faz no dia a dia de nossa esperança e de nosso cuidado. O jardim e a horta, por exemplos, devem nascer primeiro do estrume do coração. Só assim vão brotar os mitos vegetais e o alimento que alegra o amor e seus derivados.

"Eu sei: a casa é tudo", reforço lá pelo meio do poema.

A casa é meu mundo resumido no espelho de uma holografia orgânica e protetora. Meu chão de cardumes. Meu país de gnomos. Minha Pasárgada. Meu refúgio. Meu assentamento. Minha fortaleza. O lugar que escolhi para mim, onde meus filhos nasceram e cresceram, antes de se aventurarem no mundo. O lugar onde vou morrer, com velório, com lágrimas, com saudade, com alegria. Sem corona. Porque a casa também é o meu antídoto, que se deixa acompanhar pelos unguentos espirituais da rotina e pelos mágicos elementos da poesia. Da poesia que sempre permite a reinvenção da vida.

Colunista colaborador



APC apela aos congressistas da Paraíba

A presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), a atriz de televisão e cinema Zezita Matos, que tem acompanhado com preocupação a situação da Cultura no Estado, foi às redes sociais esta semana para fazer o seguinte apelo às autoridades do Poder Legislativo Federal: "Deputados e deputadas da Paraíba, quem faz e curte arte e cultura exige a aprovação da Lei 1.075 Emergencial da Cultura". Conforme Zezita Matos, os congressistas devem se comprometer como setor paraibano de cultura, votando o mais breve possível os incentivos contidos no dispositivo legal, que agora depende do Senado.

'Meu Espaço'

Bonecos é o destaque da programação

Cairé Andrade

caireandrade@gmail.com

Hoje, acontece mais uma programação dedicada à toda a família no 'Meu Espaço'. Às 17h, a abertura fica por conta da *Oficina de Confecção de Bonecos Articulados*, com Caio Ceragioli; às 17h45, entram em cena os bonecos da Cia. Boca de Cena, com Amanda Viana na contação de *Histórias da Dona Chica*; encerrando a tarde, às 18h15, Larissa Santana apresenta a performance *Pílulas Pululantes*.

Amanhã, a partir das 17h, a edição dá início à quinta semana da programação dedicada ao período de isolamento social: Vinícius Dadamo apresenta a aula *Criação e Finalização de Mapa de Palco e Luz utilizando o Programa LX-Free*; Fernanda Maranhão, Esliá María, Barbara Azevedo e Carolê Sousa assumem a transmissão com *Mulheres da Poesia Brasileira*; Everton David apresenta *Curadores: Circuitos Ativos 100mg*; e Filsofino encerra com poesia, apresentando *Diário de Quarentena*.

Em uma história divertida e com uma mensagem especial, Amanda Viana conta *Histórias de Dona Chica*, que tem como personagens Anita, Tuca e a bisavó Dona Chica. "Os bisnetos organizam uma festa surpresa para o aniversário da Dona Chica de 90 anos, justamente no período da pandemia, e o maior desafio é encontrar algo que ela ainda não tenha, então eles preparam tudo com muito amor", conta Amanda.



Cia. Boca de Cena apresenta o vídeo 'Histórias da Dona Chica', humor com a pandemia como tema

Juntamente com seu marido, que também integra a Boca de Cena, Amanda realizou a encenação, manipulou os bonecos e editou o vídeo, o que se tornou um desafio. "Não somos da área do audiovisual, então precisamos nos adaptar para conseguir fazer tudo", completa a artista.

Amanhã, quem integra a programação é o artista Everton David, com a intervenção *Curadores: Circuitos Ativos 100mg*, uma pesquisa inicialmente realizada em 2016, com coleta de caixas de medicamentos recolhidas em farmácias, hospitais ou doadas pessoalmente.

Everton faz uma trajetória pela carreira e uma performance que, como ele explica, se faz bastante pertinente neste momento. "O meu trabalho fica muito

nessa atmosfera de cura, que é algo que passa pela cabeça de muitas pessoas. Além disso, eu busco entender como a sociedade lida com as doenças".



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no Youtube da Funes.

Zé Marco relembra Sydney e diz ser contra o retorno dos torneios

Foto: Divulgação

Ex-jogador ganhou a prata nos Jogos Olímpicos de 2000 ao lado de Ricardo

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Nas areias de Sydney na Austrália, podem não mais restar marcas de saques, cortadas, defesas e bloqueios, mas de lá, passados quase 20 anos da realização dos Jogos Olímpicos naquela cidade, uma ponte direta e em forma de medalha ainda ressoa na praia do Cabo Branco. Ainda que 2020 tenha deixado de ser um ano olímpico por conta da pandemia, nem mesmo o coronavírus é capaz de reduzir a importância do feito de Zé Marco ao conquistar a prata olímpica duas décadas atrás e por isso, é fundamental lembrá-lo. Em entrevista para o Jornal A União ele falou sobre o presente e o futuro do vôlei de praia da Paraíba e sobre o legado esportivo que lhe conferiu a

homenagem para o "Hall da Fama" do voleibol mundial em 2019

A conquista de Zé Marco nas Olimpíadas de 2000 foi a segunda obtida por atletas paraibanos na história e a única que não ocorreu através do futebol. O triunfo é ainda mais relevante, pois também representa a primeira medalha olímpica conquistada pelo vôlei de praia brasileiro. Tendo começado a sua carreira treinando com Alex Fragoso e Roberto e passado para as mãos de Gilmário Ricarte (Cajá) e Rossine Freire no nível profissional, além de Rodolfo Gomes na Seleção Brasileira, Zé Marco ainda ajudou a criar uma nova metodologia que fez da Paraíba um dos maiores celeiros do vôlei de praia no mundo e essa história segue repleta de frutos até hoje.



Zé Marco, no ano passado, passou a fazer parte do "Hall da Fama", a maior homenagem concedida a jogadores do circuito mundial de vôlei

A ENTREVISTA

No dia 26 de setembro deste ano, a conquista da medalha de prata em Sydney completará 20 anos. Qual a importância desse resultado na sua carreira e o que ele representa para o vôlei de praia da Paraíba?

Essa conquista foi fundamental para a minha carreira, tive outros grandes resultados em nível nacional e internacional, sendo campeão brasileiro duas vezes e vencendo o circuito mundial em três oportunidades, mas essa medalha é, sem dúvida alguma, muito especial. Os Jogos Olímpicos são um evento ímpar e essa conquista trouxe uma repercussão muito grande e que foi importante também para a Paraíba. Após ela, o vôlei de praia em geral passou a ter muito mais visibilidade no Estado. Uma porta para o esporte se abriu e nos tornamos referência no Brasil e para o mundo.

Antes de fazer a dupla com Ricardo em Sydney, você esteve nos Jogos de Atlanta-EUA em 1996 formando outro time vitorioso com Emanuel, mas cujo resultado nessa disputa foi a nona colocação, o que mudou nesse intervalo de quatro anos?

No esporte de alto rendimento é necessário priorizar algumas competições e esse foi um aprendizado que tivemos para os Jogos Olímpicos de Sydney em 2000



Com isso, ficamos isolados de tudo dentro do torneio, completamente concentrados, nem entrevistas concedíamos. Para se ter uma ideia, para fugir dos repórteres, nós usávamos uma saída de emergência nos fundos do hotel para poder treinar sem esse contato direto. Quando o resultado veio, aí tivemos um descanso para celebrar a conquista.

No esporte de alto rendimento é necessário priorizar algumas competições e esse foi um aprendizado que tivemos para os Jogos Olímpicos de Sydney em 2000

Na grande final, por muito pouco você e Ricardo não levaram o ouro. Como você avalia essa partida e qual o seu sentimento sobre esse jogo em si?

Chegar em uma final Olímpica é um momento único. Quando a gente venceu a semifinal um filme sobre a trajetória passou na minha cabeça e tenho certeza que na de Ricardo também. Quando iniciamos foi preciso começar as disputas pela vaga olímpica

ca desde a primeira fase, mesmo eu tendo sido o campeão mundial no ano anterior, pois Ricardo ainda não tinha pontuação internacional e isso nos trouxe uma longa jornada. Ao fim desse caminho, chegar na final olímpica já era a certeza de uma vitória no peito. A final em si foi um grande jogo, nós estivemos bem, mas o fato é que nossos adversários jogaram melhor do que era comum para eles - Dain Blanton e Eric Fonoimoana (EUA) - e naquele dia venceram. Claro que, no primeiro momento, foi difícil de digerir, mas sempre digo que nós não perdemos o ouro, mas sim que conquistamos a prata. Isso é o que trago na minha cabeça e no meu coração com muita alegria de ter trazido essa medalha especialmente para minha Paraíba.

Além da prata Olímpica, em 2000 você venceu o Mundial ao lado de Ricardo, fechando um ciclo incrível. Que outros momentos e conquistas você considera as mais importantes da sua carreira?

Realmente aquele foi um ano incrível para mim. Nós fomos campeões do circuito mundial vencendo várias etapas internacionais, fizemos uma grande preparação olímpica e conseguimos essa medalha. Contudo, sem dúvida alguma, todos os demais

períodos e parceiros foram fundamentais para chegar onde cheguei. Começando com Hamilton, depois com Dênis com quem fui vice-campeão brasileiro e campeão Sul-Americano. Partindo para jogar com Paulo Emílio com quem tive ótimos resultados e em seguida Emanuel com quem fui bicampeão do circuito mundial. Por fim veio Ricardo, parceiro que comigo conquistou um mundial e a primeira medalha olímpica do vôlei de praia do Brasil.

O vôlei de praia na Paraíba sempre foi forte, mas é inegável que após essa conquista portas foram abertas, inclusive para novas gerações. Você acredita que estamos próximos de voltar a ter novas conquistas Olímpicas para a Paraíba?

Com certeza essa medalha foi um divisor de águas por ter dado uma alavancada na quantidade de adeptos e treinadores da modalidade no Estado, pois, até então, o foco principal era no voleibol de quadra. Esse processo começou ainda no fim dos anos 1990, mas foi principalmente ao longo dos anos 2000 que tivemos um grande salto. Hoje, acredito que estamos muito próximos de voltar a ter um paraibano como medalhista olímpico, vejo Alvinho - Álvaro Filho - com gran-

des chances nessa próxima olimpíada. Essa condição é algo que me deixa muito feliz e aí eu faço questão de dividir essa alegria com todos os outros que fizeram parte desse crescimento na Paraíba, figuras como Dênis, Ninaua, Hamilton, Luizito e Otto representam aqueles que estiveram lá atrás trabalhando e que são parte de um esforço de muitas pessoas para que esse esporte pudesse se tornar o que ele é hoje.

A partir da conquista em Sydney, uma metodologia para o vôlei de praia foi estabelecida na Paraíba começando lá atrás com Rossini e Cajá no comando e hoje tendo o CT Cangaço como grande referência na revelação e treinamento de atletas. Como você observa esse processo e qual seu sentimento ao perceber a continuidade dos bons resultados desse esporte no Estado?

Depois da nossa caminhada, hoje vemos Álvaro e Vitor Felipe representando muito bem o nosso vôlei de praia e outros atletas jovens surgindo e, sem dúvida alguma, isso é um resultado de anos de trabalho que começaram lá atrás quando o nosso esporte não era profissional e não contava com uma liga forte como é agora. O que existe agora são frutos de uma semente plantada e que está rendendo até hoje.

Isso é algo que nos deixa muito felizes e orgulhosos. Ano passado, tive a oportunidade de participar do mundial escolar na Itália onde nós tínhamos três duplas da Paraíba competindo nessa disputa e todas trouxeram medalhas, o que mostra que esse é um processo que deu certo e segue dando.

Estamos vivendo um momento de pandemia sem precedentes nesse século e um dos setores mais atingidos é o esporte, incluindo o voleibol. Há quem defenda o retorno da modalidade por elas ter um distanciamento natural. Qual sua opinião sobre isso?

O voleibol possui um distanciamento natural que é definido pela rede, mas independente disso existem os treinamentos. Eu acredito que tenhamos que esperar ainda um pouco mais, mesmo no caso do vôlei de praia onde são apenas dois atletas por time, pois não se trata apenas do momento do jogo, não é apenas pegar dois times e colocar para jogar. Na minha opinião, nós devemos aguardar mais um tempo e esperar a liberação das autoridades e um quadro que ofereça a segurança necessária para o retorno. Estamos vendo agora o retorno em alguns países, mas a situação no Brasil ainda deve demorar um pouco mais.



Foto: Divulgação/CBV

Zé Marco e Ricardo comemoram o grande feito para o vôlei de praia nacional nos Jogos Olímpicos de Sydney, na Austrália

OS DESAFIOS PARA A IMPRENSA SÃO PERMANENTES.

COM OU SEM PANDEMIA A ROTINA DESSES PROFISSIONAIS É SEMPRE ALTERADA POR ACONTECIMENTOS DE ÚLTIMA HORA.

A PRINCIPAL MISSÃO EM QUALQUER CENÁRIO É A DE BEM INFORMAR.

A NOTÍCIA VERDADEIRA SALVA VIDAS.

O DIREITO À INFORMAÇÃO É UM DIREITO HUMANO.



1 DE JUNHO. DIA DA IMPRENSA.



Covid-19: mais um motivo para abandonar o cigarro

No Dia Mundial sem Tabaco, especialistas alertam para o risco que fumantes correm em caso de contágio pelo coronavírus

José Alves
zavieira2@gmail.com

“Esse é o melhor momento para os fumantes abandonarem o vício, porque o tabagista é mais vulnerável à covid-19. Os fumantes, além de estarem incluídos no grupo de risco, podem ter sérias complicações caso sejam infectados pelo coronavírus”. O alerta é da chefe do Núcleo Estadual de Doenças e Agravos não Transmissíveis, Gerlane Carvalho, em razão do Dia Mundial sem Tabaco, celebrado hoje.

O fumante é mais vulnerável ao coronavírus devido ao entupimento das mucosas das vias respiratórias, que inflamam por causa da fumaça e das partículas do fumo. Esse grupo de pessoas é mais propenso a infecções por vírus, bactérias ou fungos. Então, as chances deles desenvolverem a covid-19 são bem maiores.

As recomendações para os tabagistas nesse período são para que mantenham o isolamento social com todas as medidas de higiene. Gerlane ressaltou que a decisão de parar de fumar pode ganhar reforço nas secretarias de saúde de cada município do Estado. Na capital, os fumantes devem procurar os Centros de Referência em Saúde mantidos pela Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Ainda de acordo com Gerlane, tomar a decisão de parar de fumar neste período é muito importante. Em muitos casos, as pessoas vão necessitar de um médico para iniciar o tratamento, que incluiu acompanhamento psicológico e medicamentos. “As opções de medicações de primeira linha são as repositórias de nicotina,

principalmente, através de adesivos, ou uso do medicamento bupropiona”, informou.

Ela explicou que, desde o início do isolamento social, a orientação do Instituto Nacional de Câncer (Inca) foi para que as secretarias de Saúde de todo o país não formassem novos grupos de tratamento a fim de evitar aglomerações. Porém, para as pessoas que precisam de ajuda neste período de pandemia, e também para as que querem continuar em tratamento, a orientação é que elas sejam acompanhadas através de grupos de whatsapp, aplicativos ou vídeo chamadas, dependendo da realidade de cada município. “Outra recomendação do Inca é que os medicamentos continuem sendo liberados para quem já estava em tratamento”, relatou.

Gerlane Carvalho observou que todo mundo sabe que fumar faz mal à saúde. Mas, o que nem todos sabem, é que quem não fuma, mas respira a fumaça de tabaco em recintos coletivos, se torna fumante passivo e corre o risco de ter câncer de pulmão. Ela disse que o tabagismo causa cerca de 50 doenças diferentes, principalmente as cardiovasculares, como a hipertensão arterial, o infarto, a angina (dor no peito) e acidente vascular cerebral (derrame). O tabagismo também é responsável por muitas mortes por câncer de pulmão, boca, laringe, esôfago, estômago, pâncreas, rins, bexiga, e pelas doenças respiratórias obstrutivas a exemplo de bronquite crônica e enfisema pulmonar

Fumantes na PB

Na Paraíba, em 2019, de acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existiam 468.596 fumantes, ou seja, 11,5% da população total do Estado. Na capital, estima-se que ainda existem 90 mil fumantes. Mesmo assim, dados do Ministério da Saúde mostram que a maioria esmagadora dos brasileiros não tem o tabagismo como hábito de vida, e a prova maior é que os números de fumantes vêm diminuindo.

Em 2006 foi feita no Brasil a primeira pesquisa neste sentido e o resultado mostrou que nos últimos 12 anos a redução foi em torno de 40% da população.

Óbitos

No Brasil e no mundo, o tabagismo continua sendo o maior responsável pelo câncer de pulmão. São cerca de 200 mil mortes por ano. Mas um dado animador é que nos últimos 30 anos, o número de fumantes vem caindo no país. Na Paraíba, no que diz respeito ao número de óbitos por câncer de pulmão, a Secretaria Estadual de Saúde informou que em 2019 foram registradas 246 mortes. Em 2018, foram 434 e, em 2017, um total de 438 óbitos. O que mostra que os números de óbitos por câncer de pulmão vêm caindo.

Ações de combate

A redução no consumo do tabaco no Brasil é resultado de uma série de ações realizadas pelo Ministério da Educação em parceria com as secretarias estaduais e municipais de Saúde desde o ano de 2018. Uma das mais importantes foi a legislação antifumo, que proi-

biu o consumo de cigarros e outros produtos fumígenos, derivados ou não do tabaco, em locais de uso coletivo, públicos ou privados.

O Dia Mundial sem Tabaco foi criado em 1987 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O objetivo é alertar sobre as doenças e mortes evitáveis relacionadas pelo uso do cigarro.

SERVIÇO

Os dependentes do tabaco, em João Pessoa, devem procurar os seguintes locais para serem inseridos no tratamento: Centro de Atenção Integral à Saúde (Cais) Cristo; Cais Mangabeira; Cais Jaguaribe; Centro de Atenção Psicossocial (Caps); AD David Capistrano; e Centro de Saúde de Mandacaru. Cada um desses centros conta com uma equipe de profissionais qualificados. Em razão da pandemia, os atendimentos presenciais estão suspensos.



Artigo

Sebastião Costa
Pneumologista - CRM 1630

Carta aberta ao fumante

Meu caro tabagista, Nós médicos, que lidamos durante mais de 30 anos ajudando muita gente a se livrar dessa dependência, temos plena consciência das dificuldades que é parar de fumar. Mas sabemos também, que é perfeitamente possível se libertar das garras da nicotina e todas aquelas suas companheiras, que estão diariamente agredindo toda estrutura de seu organismo. Seu pulmão, seu coração, suas veias e artérias, sua boca, seu esôfago, seu estômago...

Mas largar o cigarro exige como pré-requisito básico a tomada de decisão, aliada a sua determinação e a vontade de

viver mais tempo ao lado de sua família, de seus filhos, de seus amigos.

E viver também com mais qualidade de vida. Respirando melhor, com puro oxigênio em seus pulmões.

Parar de fumar, meu prezado fumante, significa não conviver mais com o mal-hálito, com os dedos e os dentes amarelados, com o cheiro insuportável de sua roupa.

Em poucos dias, sem a agressividade das substâncias daquela fumaça, revigora-se o olfato e o sabor da comida ganha qualidade.

E aquela caminhada a cada vai ficando mais agradável.

Já pensou, você não ter mais que sair do restaurante para ir lá fora dar suas baforadas!

Refleta na alegria de seus filhos, de sua esposa(o), de seus amigos, de seus colegas de trabalho, quando você chegar com a notícia de que resolveu largar o cigarro!

E sua auto-estima, que vai ficar lá nas nuvens, quando você começar a perceber que aquele sofrimento, aquela ansiedade não existem mais na ausência da nicotina!

Mas festa grande mesmo quem vai fazer é seu organismo. Pense só, na alegria de seu coração sem precisar mais estar batendo tão rápido; seu pulmão vai estar

na maior felicidade, sem ter que viver sufocado com tanto monóxido de carbono; suas artérias e veias, que viviam em permanente tensão, vão agora poder relaxar!

Agora, imagine as repercussões e a alegria em todos os órgãos de seu organismo, quando eles perceberem que deixaram de conviver, diariamente, com sessenta substâncias cancerígenas.

31 de maio, o mundo inteiro comemora o DIA MUNDIAL SEM TABACO, um belo dia de se tomar decisões.

Tenha certeza, meu caro tabagista, que em pouco tempo você vai perceber que é possível conviver com toda aquela felicidade!

É preciso aprender a se conectar com a natureza

Na Semana do Meio Ambiente, inspire-se em depoimentos de pessoas que vivem em harmonia com o planeta

Alexsandra Tavares
lekajip@hotmail.com

Na Paraíba, o que não falta são paisagens naturais. Resquícios de Mata Atlântica com toda riqueza da fauna e da flora estão encravados no coração da capital; rios como o Paraíba e o Sanhauá exibem sua beleza no cenário urbano; a exuberância da Caatinga representa a resistência do sertanejo; e as praias de águas mornas no vasto litoral são apenas exemplos dessa diversidade. Na Semana do Meio Ambiente, que se inicia amanhã, dia 1º de junho, perguntamos aos paraibanos: que memória afetiva você tem com a natureza presente no Estado? As respostas vieram de imediato, num misto de saudosismo, respeito e gratidão ao verde.

Uma dessas histórias é a da pessoense Yohanna Ribeiro, que só conheceu o Parque Zoo Arruda Câmara (Bica) aos 15 anos de idade. Por causa do trabalho do pai, ela foi morar ainda bem criança no Rio Grande do Norte. E ao retornar à capital paraibana conheceu a Bica, uma das áreas de lazer mais frequentadas da cidade. “Foi, em uma excursão da escola, quando tinha 15 anos. Desde o início, as

árvores, os animais, tudo me chamou a atenção”, frisou.

Em 2006, quando fazia o curso Técnico em Recursos Naturais pelo antigo Cefet-PB, hoje Instituto Federal da Paraíba (IFPB), a estudante teve a oportunidade de estagiar na Bica como educadora ambiental. “Foi aí que me apaixonei ainda mais. Tive a oportunidade de falar para os visitantes sobre aquele pedaço da Mata Atlântica e da importância do meio ambiente para o planeta”.

A experiência foi decisiva na vida profissional de Yohanna, que também havia cursado Química. “Sou bióloga e essa vivência na Bica foi muito importante para mim. As minhas recordações do Parque estão mais presentes na memória sensitiva, o cheiro de umidade, de verde, o frescor do lugar, o microclima são inesquecíveis”, destacou.

Yohanna não é funcionária do Parque, mas segue na sua profissão em contato com o verde e defendendo sempre a preservação da flora e da fauna. Mas outra bióloga, Neide Martins, trabalha diretamente no Parque Zoo Arruda Câmara como coordenadora do setor de Educação Ambiental. Ela conta como essa vivência lhe traz benefícios e ensinamentos

em todos os aspectos da vida.

“Meu trabalho como educadora ambiental na Bica me aproximou da natureza, me deixou mais sensível com relação ao cuidado com o meio ambiente. No meu dia a dia de trabalho, aprendi a respeitar mais os animais, justamente por conviver com eles e ter contato com as espécies silvestres que chegam através de apreensão da Polícia Ambiental por causa do tráfico, muitos sofridos e debilitados”.

Nesta data, própria para lembrarmos o quanto é imprescindível conservarmos e poupamos os recursos naturais, Neide ressalta que a responsabilidade da preservação do planeta é responsabilidade de todos. “Se cada um fizer a sua parte, um pouco que seja, será de grande ajuda para a preservação”, disse a bióloga.

“Com relação aos gestores, é essencial trabalhar a educação nas escolas e nos parques. Incentivar as empresas públicas a tomar medidas de cuidados com o meio ambiente, realizar palestras, cursos e selos verdes que, além de virarem empresas ecologicamente corretas, também podem transformar seus clientes em sujeitos ecológicos”, completou.



Um mar para chamar de meu

Do quintal de casa, a agente de endemias Geovanda Pimental avista um tapete de areia branca, barcos rústicos de pesca e, mais à frente, um oceano azul, infinito aos seus olhos. É a praia da Penha, situada ao sul de João Pessoa, que compõe os quase 140 km de extensão do litoral paraibano. O cenário paradisíaco já faz parte da vida de Geovanda, criada em uma comunidade de pescadores.

Aos 44 anos, ela mora desde os três anos na Penha. Da infância, Geovanda guarda divertidas brincadeiras de criança. “Corria muito por essas areias com os meninos, tomava banho de mar todo dia, pescava e brincava no Rio da Ponte, aqui pertinho”.

Nesta época de pandemia de covid-19, devido ao isolamento social, a praia é praticamente um recanto particular, um privilégio para Geovanda. A faixa de terra ainda é bastante utilizada por ela nas caminhadas rotineiras, assim como o banho de mar. A praia da Penha também serve de refúgio para esta paraibana, no momento em que precisa destressar

e refletir sobre a vida. “Quando estou preocupada ou estressada, fico sozinha, perto do mar. O som e o balanço das ondas me acalmam”.

As festas ao longo do ano e as comemorações de família também têm relação com este ambiente praieiro. Um exemplo foi um aniversário surpresa feito para a mãe de Geovanda, em janeiro deste ano. O que era para ser uma confraternização bem pequena, atraiu vários amigos. “Aí, colocamos as cadeiras e mesas na areia da praia, fora de casa, que é o meu quintal”.

Mas do seu passado, ela também traz recordações de uma paisagem mais limpa e menos degradada. Por isso, faz um alerta aos visitantes e sociedade em geral sobre a importância de se respeitar o meio ambiente e não poluir o mar. “Vimos propagandas de todas as formas: não desmate, não polua nossas águas, nosso ar. E, no entanto, sabemos que não é bem assim. Não adianta querer a praia limpa, tem que limpar. Há muitos falando bonito e fazendo feio”, desabafou.

Continua na página 14

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Cony, “Pessach: a travessia” e o golpe de 1964

Logo depois do golpe militar de 1964, Carlos Heitor Cony (que morreu no dia 5 de janeiro de 2018) atacou em crônicas no “Correio da Manhã” a “quartelada” que se proclamava como uma “revolução” (só se fosse uma “revolução de caranguejos”, que andam para trás, definiu o escritor).

Por causa dessa oposição pela imprensa, de primeira hora, ao golpe respondeu a processos e foi preso várias vezes pelos militares.

O presidente Jair Bolsonaro e outros direitistas (ou meros admiradores e eleitores) consideram que em 1964 aconteceu em 31 de março uma revolução, mas foi mesmo um golpe consumado no dia 1º de abril.

Escrevendo naquele jornal, Carlos Heitor Cony (foto) se manifestou várias vezes contra o golpe, sendo punido com seis prisões e um processo que o então ministro da Guerra, general Costa e Silva, moveu contra ele por infração prevista na Lei de Segurança Nacional da época. Seus artigos começaram no dia seguinte ao golpe, a 2 de abril de 1964.

Em “Ditadura e ditabrandia”, publicado na “Folha de S. Paulo” em março de 2009,

o próprio Cony escreveu sobre seus artigos: “Eram violentos e apaixonados justamente porque não entendia direito o que estava acontecendo, a não ser o ritual da opressão”.

O processo de Costa e Silva foi instaurado em julho de 1964 e Cony teve como advogado Nelson Hungria, que se ofereceu de graça para defendê-lo, chegando a obter do STF um habeas corpus que descharacterizou o processo, que passou a correr não mais pela Lei de Segurança Nacional, mas pela Lei de Imprensa.

Cony foi condenado a três meses de prisão.

Eu acompanhava os artigos de Cony e o conheci como romancista ao ler “Pessach: a travessia”. Apesar de “Quase memória” ser seu maior sucesso, acho melhor “Pessach: a travessia”. Este tornou-se um marco na obra de Cony. Ajuda a entender as estratégias da esquerda no Brasil dos anos 60 e 70.



É também uma analogia da libertação bíblica do povo judeu, ao fugir do antigo Egito e da escravidão.

O protagonista de “Pessach”, que não tinha posições políticas, transforma-se em um engajado de todas as formas.

Um trecho de “Pessach: a travessia” proporciona bem o clima do livro. Vamos lá.

“Os críticos não chegaram a um acordo sobre os meus livros, mas isso é problema deles. Se tivesse coragem de começar a vida novamente, é possível que não repetisse en-

ganos e acertos, mas gostaria de repetir a disponibilidade de agora, no vértice da outra metade. Há otimismo em chamar de metade os 40 anos. Dificilmente chegarei aos 80, mas a metade talvez não seja cronológica, mas intemporal, interior. É assim que me sinto. Ainda que morra amanhã, essas 24 horas deverão ser densas como as passas estragadas são densas de açúcar. Há equilíbrio na vida e é o que a torna monótona.

(...) A lembrança de Teresa me preocupa. Ela pode lembrar-se que faço anos e virá com a gravata de sempre, embrulhada naqueles papéis que as lojas empurram como embalagens de luxo. 40 anos. Teresa talvez não venha, mas Sílvio virá. O caso de Sílvio. Há duas semanas que ele anda me procurando para conversa séria, eu anotei em minha mesa de trabalho: resolver o caso de Sílvio. Passei duas semanas com esse aviso me aporinhando em cima da mesa, até que ontem, sem lembrar do aniversário de hoje, decidi procurá-lo. Telefonei-lhe. Ele ficou agitado, quis encontrar-se comigo no mesmo instante, mas eu não queria encontro sério com ninguém e - seguindo a mania de adiar marquei o encontro para hoje. O camarada estará aqui antes das 9, não quis adiantar nada pelo telefone: tem mania de perseguição. Desde que se meteu a salvar o país e que se julga perigoso inimigo da ordem, cujos telefonemas são gravados pelos distritos policiais. No fundo, é um patriota. A Pátria é uma droga”.

Fauna e flora: extensões da vida de famílias ribeirinhas

No Porto do Capim, moradores vivem da natureza e pela natureza: é uma questão de sobrevivência humana

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Na Cidade Baixa, em João Pessoa, onde nasceu a capital paraibana, ainda é possível observar prédios ou ruínas do século XVI, período de fundação da cidade. Entre esses resquícios históricos está a comunidade ribeirinha do Porto do Capim, próxima ao Rio Sanhauá, afluente do Paraíba. Juntamente com a vegetação típica do mangue, os rios compõem uma das belezas naturais mais tradicionais da cidade, exaltada pelo o pôr do sol do Varadouro.

No entorno dos Sanhauá e Paraíba, as famílias vivem em suas modestas casas, totalmente conectados às águas, à fauna e à flora local. Uma dessas famílias é a da comerciante Odenice de Oliveira Santos, mais conhecida como Nicinha, que passou os 38 anos de vida na comunidade. Apesar da simplicidade do ambiente e dos poucos recursos financeiros, a liberdade e o contato com a natureza deixaram na memória da comerciante uma grande consciência de preservação ambiental, aprendida no dia a dia.

“As pessoas muitas vezes fazem coisas erradas por falta de informação, conhecimento e por falta de amor! Eu sei que preciso da mãe maré, do manguezal, da lama e dos crustáceos para a minha sobrevivência e das pessoas que amo. Você que polui, queima, desmata, pense que a floresta é a casa de muitos animais, as plantas são a cura para os que estão enfermos, a água é fonte de vida e a natureza está aqui para nossa sobrevivência e existência”, destacou.

Na vida de Nicinha Santos, não há apenas algumas lembranças marcantes sobre o meio ambiente, mas todas as suas experiências no lar e na comunidade tiveram como cenário principal o verde, o rio, os animais e a vegetação. Por isso, sua memória afetiva está

arraigada na própria cultura.

Em suas vivências, ela cita uma infância feliz, livre, repleta de brincadeiras nas ruas do Porto do Capim, tendo como protagonistas os recursos naturais. “Na mãe maré, tomava banho, pescava todos os dias siri, peixe bagre, amoré, catava marisco e gostava da tão esperada andada de caranguejo! Até hoje, mantemos o nosso costume, passando para nossos filhos”, afirmou.

Celebração

Por causa da pandemia de covid-19, a programação estadual para comemorar a Semana do Meio Ambiente será realizada este ano de forma on-line. A partir de amanhã, haverá lives, lançamento de jogos educativos ambientais, de campanhas e muito mais. Tudo será divulgado nas redes sociais e sites de órgãos como o Jardim Botânico Benjamin Maranhão e a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) com assuntos voltados à biodiversidade e preservação da natureza.

O tema deste ano é Unidades de Conservação: Biodiversidade protegida. Entre os convidados que vão participar das lives estão Ezequiel da Costa Ferreira, mestre e doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Prodepa/UFPB; e Janderson Batista Alencar, mestre e doutorando em Entomologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - IMPA. Veja ao lado os dias e horários de cada atividade.

“A floresta é a casa dos animais, as plantas são a cura para os enfermos, a água é fonte de vida e a natureza está aqui para nossa sobrevivência”



Foto: Arquivo pessoal

Nicinha retira a sobrevivência dela e da família da natureza: “Eu sei que preciso da mãe maré, do manguezal, da lama e dos crustáceos”

Confira a programação

Jardim Botânico Benjamin Maranhão

Instagram: @jardimbota-nicojp

Sudema

Instagram: @sudemago-vpb

■ **Dia 01/06:** Lançamento das Videoaula na Plataforma de Ensino a Distância para as Escolas Estaduais do Governo PB, para os alunos da rede pública. Obs.: Vai ser transmitida posteriormente no programa TV Paraíba Educa, na TV Assembleia.

■ **Dia 01/06:** Live Tema: Biodiversidade da RVS Mata do Buraquinho / Jardim Botânico de João Pessoa
Horário: 19:30h
Plataforma: Instagram do Jardim Botânico
Convidados: Ezequiel da Costa Ferreira, mestre e doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Prodepa/UFPB; Janderson Batista Alencar, mestre e docto-

rando em Entomologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - IMPA.

■ **Dia 02/06:** Lançamento das Imagens nas redes sociais da Sudema do Desafio Ambiental #ambientecontracovid19;/ Com postagens no Instagram da Sudema

■ **Dia 03/06:** Live Tema: O Homem e os Espaços Naturais
Horário: 19:30h
Plataforma: Instagram do Jardim Botânico
Convidados: Suellen Santos, mestre e doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Prodepa/UFPB; Edmilson Fonseca, Educador ao Ar Livre e Instrutor de Liderança da NOLS - National Outdoor Leadership School.

■ **Dia 04/06:** Lançamento dos Jogos Educativos Ambientais com a temática da Semana do Meio Ambiente

Plataforma: Site da Sudema

■ **Dia 05/06:** Lançamento da Campanha Memórias Afetivas com as Unidades de Conservação nas redes sociais da Sudema
Plataforma: Instagram da Sudema

■ **05/06:** Live Tema: Passeio pelas Trilhas do Jardim Botânico de João Pessoa
Hora: 10h
Plataforma: Instagram do Jardim Botânico

■ **Dia 08/06:** Live Tema: Desafios e Perspectivas para a Proteção da Amazônia Azul brasileira e suas riquezas naturais Inscrições no site a partir do dia 01/06. Voltado para quem trabalha na área ambiental.
Plataforma: a definir
Horário: 17h
Convidados: Victor Ventura, PHD, coordenador da Procuradoria Jurídica da Sudema, doutor em Direito Internacional Público, advo-

gado, membro do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha do Brasil e Conselheiro titular do Copam / Thiago Zanella, advogado e estudioso do direito do mar, professor da Escola de Guerra Naval do Rio/ Cláudia Cunha, Engenheira Química, professora da UFPB e coordenadora do Projeto Mares sem Plástico

■ **Dia 15/06:** Live Tema: Atividades de Educação Ambiental a Distância
Horário: 17h
Plataforma: Instagram da Sudema
Convidados: Taciana Cirilo, pedagoga, administradora e coordenadora da Educação Ambiental da Sudema / Flávia Suassuna, Bióloga graduada pela UFPB, Mestre em Botânica pela UFRPE, coordenadora do Núcleo de Educação Ambiental na Secretaria de Estado da Educação, atualmente lotada na Secretaria Executiva de Meio Ambiente do Estado.

Toca do

Fábio Mozart

Cordel debate saúde com humor e simplicidade

Fábio Mozart e Cristine Nobre escreveram o folheto “Xarope de cloroquina serve até pra febre do rato”, publicado em plataformas de leitura na internet. O cordel “tira a terreiro” as políticas públicas de saúde implementadas no Brasil atualmente, em plena pandemia do novo coronavírus. O dito folheto se insere na linha “gracejo”, cordéis voltados para o lado do riso. Esta modalidade de folheto trata do humor simples do povo nordestino, irreverente e repleto de duplo sentido.

Quadros de notório saber na educação, pública ou particular, já perceberam o valor da literatura de cordel como ferramenta pedagógica, pela sua comunicabilidade e interatividade, pelo baixo custo e musicalidade dos seus versos, enquanto elemento motivacional e impulsivo nas ações de incentivo à leitura e escrita. A odontóloga e cordelista Cristine Nobre, de Píripituba, já pratica atividades didático-pedagógicas na promoção da saúde bucal através dos folhetos. Ambos somos membros efetivos da Academia de Cordel

do Vale do Paraíba, onde construímos uma parceria pró-ativa no sentido de produzir cordéis em diversos gêneros. Boa parte dos criadores desta Academia é constituída de professores, atuando em suas escolas como agentes disseminadores da nossa cultura popular mais autêntica, levando o alunado a conhecer suas próprias raízes e valorizando as vocações e talentos dos jovens. Tem muito colegial escrevendo e lendo literatura de cordel nas escolas graças a mestres como Pádua Gorrion, de Itatuba, Raniery Abrantes e Anney Venâncio, Manoel Belizário, Jota Lima da UEPB, Francisco Diniz em Santa Rita, Antonio Marcos Monteiro de Itabaiana, Claudete Gomes e Bento Júnior de João Pessoa, entre tantos outros.

Neste contexto, a Escola Estadual Renato Ribeiro Coutinho, de Alhandra, resolveu investir no desenvolvimento criativo dos alunos nessa fase de estudos à distância, utilizando o nosso folheto “Xarope de cloroquina serve até pra febre do rato”. A repercussão se deu na internet, através de

portais de literatura onde leitores e escritores interagem entre si. Os alunos leram o folheto e responderam a um questionário.

Essa febre benigna dos cordéis nas escolas e suas experimentações como termômetro do nível cognitivo dos alunos e alunas, vem deixando claro que precisamos aplicar no mundo da educação altas doses de letras, poéticas ou em prosa, para despertar o prazer à leitura e à escrita, porque ainda é muito deficiente o desempenho da moçada quanto aos significados das palavras, a compreensão do texto. De forma desenvolva e informal, o folheto estimula a interpretação e reflexão. Ainda assim percebe-se significativa falta de equilíbrio entre o que se lê e o que se apreende. Interpretação inexata de um texto simples é sinal claro de analfabetismo funcional. Como bom sinal, os números de pesquisas recentes dando conta de que o analfabetismo funcional já é muito menos entre os mais jovens do que entre os mais velhos.

Na escola onde o folheto foi explorado, a maioria dos alunos e alunas res-

ponde ao questionário com mentalidade aguda e senso de discernimento intelectual. Parte da resposta de uma aluna: “Eu entendi que esse cordel é uma crítica ao presidente Jair Bolsonaro sobre o medicamento cloroquina, porque até hoje não foi comprovado pela ciência que a cloroquina serve para pessoas que estão com a doença covid-19. As iniciais FM e CN nas estrofes são dos autores Fábio Mozart e Cristine Nobre”. Outro escreveu: “O folheto mostra que o presidente é um grande babaca”.

Sobre a pergunta “o que significam as siglas FM e CN entre as estrofes?”, um aluno respondeu que se trata de FM, “a sigla de Frequency Modulation que em português significa “Modulação em Frequência” e se refere à transmissão de ondas com variação da frequência”. E as iniciais CN, para o aluno, é o código na Internet para a China. Esse escorregão nos ajuda a entender o fenômeno da internet como ferramenta de pesquisa na escola, suas extravagâncias e desvios.



Ilustradores fazem retratos de quem deseja participar da iniciativa. A Campanha Retrato Ilustrado, do IFPB campus Cabedelo, reúne hoje 70 artistas, que dedicam parte do dia para retratar pessoas também interessadas em ajudar

Iniciativas de solidariedade se multiplicam na pandemia

Pessoas e instituições se unem na crise para ajudar a quem já enfrenta situações de vulnerabilidade social

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobrega@gmail.com

A pandemia do novo coronavírus expõe, diariamente, fragilidades no mundo todo. Com a necessidade de paralisar atividades não essenciais para evitar a proliferação do vírus, milhares de pessoas em estado de vulnerabilidade social precisam de apoio para não enfrentar um inimigo ainda pior do que a covid-19, que é a fome e as mais variadas formas de deficiências.

Para tentar reduzir essas complicações a esta população, cidadãos

e instituições se unem para enfrentar e superar uma das maiores crises de saúde pública do mundo através de iniciativas de solidariedade, que têm se multiplicado a cada dia. Distribuição de alimentos, doação de produtos de higiene pessoal são algumas das ações solidárias que se espalham pelo país. Na Paraíba, entre as diversas iniciativas, a Campanha do IFPB Solidário é um dos destaques. O Instituto Federal da Paraíba vem mobilizando seus gestores, servidores, estudantes e entidades parceiras em ações voltadas para o

amparo e para a proteção social dos grupos sociais em vulnerabilidade.

Uma dessas ações é a campanha Retrato Ilustrado formado por professores, estudantes do curso de Design Gráfico do IFPB campus Cabedelo e convidados que trocam a mão de obra empenhada na criação de uma ilustração por doações. O projeto trabalha com uma taxa simbólica mínima de R\$ 35, que são convertidos na distribuição de produtos para pessoas em situação de vulnerabilidade social, afetadas pela crise gerada pela covid-19.

O Retrato Ilustrado, que já vai para a sua terceira edição, começou com 35 artistas e hoje possui 70. Nas duas primeiras edições, o projeto arrecadou R\$1.495 e R\$ 2.103, respectivamente. Daniel Lourenço, professor do curso, um dos responsáveis pela campanha e um dos artistas colaborativos, informou que “a inspiração para lançar a campanha veio a partir do exemplo de uma ilustradora do Rio Grande do Norte, Anatríz, que fez um trabalho semelhante. A ideia inicial era para ser somente com alunos e ex-

-alunos do IF. “Entretanto, fui fazendo convite para outros ilustradores e eles foram aceitando. Hoje, temos ilustradores do Brasil todo, São Paulo, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, Paraná, Pernambuco e Brasília. O importante a enfatizar é que o maior doador é o ilustrador, pois um retrato ilustrado é muito mais caro que o valor. Esse valor é simbólico”, informou o professor.

Para ter o seu retrato em forma de ilustração, basta fazer a doação do valor de mínimo de R\$ 35 para a campanha IFPB Solidário, enviar o com-

provante de pagamento ou transferência para o e-mail da campanha (retratoilustradoifpb@gmail.com). Depois disso, será enviado o número da ficha e o nome de quem vai fazer o retrato. O e-mail deve ser respondido com o envio de cinco fotografias e um texto curto falando sobre a pessoa ou até bichinho. O doador não escolhe o ilustrador e nem o estilo retratado. Depois de uma semana, o participante receberá o arquivo digital do seu retrato, que poderá ser usado nas redes sociais ou impresso em produtos diversos.

Para o Coletivo LGBTQIA+

Celebração de aniversário arrecada doações

As consequências sociais impostas pela pandemia não são as mesmas para todos; os segmentos historicamente negligenciados e socialmente vulneráveis são mais afetados. Por isso, o Coletivo LGBTQIA+ Resistência realiza campanhas de arrecadação de dinhei-

ro para adquirir alimentos, materiais de higiene pessoal e de limpeza que serão doados para travestis e transsexuais de João Pessoa em situação de vulnerabilidade social. O coletivo atua em conjunto com a Astrapa-PB (associação de mulheres travestis e transexuais do

Estado da Paraíba). Mas, nesta semana, recebeu um incentivo solidário fruto de um aniversário.

Em meio a pandemia, Júlia Ramalho completou mais um ano de vida, no entanto, de acordo com Jéssica Ramalho, sua irmã, “ela estava sem vontade de comemorar por causa da pandemia.

Então, pediu pra que nós não fizéssemos nada, melhor era pegar esse dinheiro e dar a quem precisa. A partir daí, eu tive a ideia de juntar os amigos dela e familiares para fazer essa vaquinha pra gente doar e fazer essa surpresa a ela”, declarou Jéssica.

Toda a doação foi revertida para a campanha do Coletivo. Cerca de R\$ 1 mil foram arrecadados. Anne Medeiros, uma das organizadoras da campanha de arrecadação do Coletivo LGBTQIA+ relatou como foi receber a doação. “Sinceramente, foi um aconchego no coração.

Foto: Divulgação

Foi a sensação de que estamos fazendo certo, sabe? Sei que para ela ajudar deve ter causado o mesmo sentimento. Mas foi tão inesperado, foi uma ação tão linda que envolveu outras pessoas que também queriam ajudar! Ações assim, no contexto social e político que vivemos, traz uma certa esperança e a sensação de que não estamos sós”, falou a organizadora.

Além de Jéssica, Júlia e seus amigos, as doações estão abertas sem quantia mínima através de depósito nas seguintes contas: Caixa Econômica - Anne Karoline de Oliveira Medeiros, Agência: 1033, operação 013 e conta 14554-2; Banco Next/Bradesco - 237 - Evllon e Sá Sousa, agência: 377281 e conta corrente 2937999; E Banco do Brasil - Fernando Domingos de Aguiar Júnior, agência: 4020-7 e conta corrente 131.188-3.

“O coletivo ajuda pessoas que estão impossibilitadas de exercer suas atividades, atividades essas que já não trazem uma qualidade de vida dentro do mínimo desejável porque algumas delas vivem em situação de vulnerabilidade e risco social”, finalizou Anne Medeiros.



Jessica organizou uma vaquinha com amigos e familiares para celebrar o aniversário da irmã Júlia. Presente para a aniversariante e para o coletivo, que recebeu a doação

Comitê Gestor da Internet no Brasil completa 25 anos

Tecnologia hoje é essencial em tempos de pandemia, viabilizando serviços essenciais e proporcionando lazer

Márcia Dementshuk
Especial para A União



Qual a relação entre o Sérgio Motta, ex-ministro das Comunicações, o sociólogo Herbert de Sousa, o Betinho, a Embratel, a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), e o início da Internet comercial no Brasil em 1995? Como foi possível criar um Comitê Gestor para viabilizar materialmente um “troço tão esotérico” como a façanha de enviar e receber mensagens entre computadores distantes?

Ano de 2020. O mundo foi atingido por um vírus letal, levando a população ao isolamento residencial e a impactos na indústria, comércio e serviços. Milhões de vagas de trabalho fechadas. Cientistas anunciam resultados de estudos. A população anseia por uma vacina, ou tratamento que a permita retornar ao menos uma fração da vida como era antes. Movimentando os macacos hidráulicos gigantes, permitindo que “La nave va”, está uma tecnologia tão surreal quanto o filme de Fellini: dados são fragmentados em pacotes; trafegam longas distâncias através de diferentes infovias, por on-

das eletromagnéticas, cabos coaxiais ou fibra ótica; chegam em milissegundos ao destino e magicamente são decodificados para formar textos, imagens, som. Mágica, não. É a Internet.

A primeira experiência bem-sucedida de transmitir um pequeno texto entre computadores, a cerca de 500 km de distância entre eles, foi em 1969. Cientistas da computação estavam na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e na Universidade Stanford, em Palo Alto, tentando conectar os computadores, usando para isso uma linha telefônica. Foi enviada a primeira letra “L”; a segunda, “O”. E, antes da terceira, “deu pau” e o sistema caiu.

A proeza originou um factóide conhecido na computação, quando os pesquisadores brincaram afirmando que a primeira sentença transmitida seria “lo and behold” - algo como “eis que”, em português. Uma frase de efeito para uma experiência promissora. Na verdade, era para ser: “login”. Os anos das décadas de 1970 e 1980 iam passando e o experimento de 1969 ganhava os contornos do que seria uma grande rede de computadores conectando várias outras redes de diferentes países do mundo, inclusive do Brasil.

Demanda

No início de 1995, havia uma demanda emergente para adquirir serviços de conexão à misteriosa Internet. Mas o contingente daqueles que nem imaginavam o que se passava era muito maior. À Internet, conectavam-se os acadêmicos; algumas organizações da sociedade civil; estudantes da computação que baixavam os programas nas universidades e instalavam em casa, além de hobbystas, pessoas com privilégios de dominarem a tecnologia de redes.

Os microreiros esperavam pelo lançamento de um serviço de conexão à Internet anunciado pela Embratel desde o final de 1994, mas o evento jamais chegava. Havia a alternativa de conexão a ambientes virtuais, os BBS (Bulletin Board System), que a essa altura já acessavam redes que conduziam à Internet. Um deles foi o Alternex, ponto de saída à Internet para mais de 20 mil pessoas nessa época.

O Alternex foi uma iniciativa do Ibase, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, fundado por três exilados políticos da ditadura militar: Herbert de Sousa, o Betinho, e os economistas Carlos Afonso e Marcos Arruda. Outras ONGs se valiam do Alternex para compartilharem informações, uma vez que liga-



Foto: Assessoria de Imprensa/ Fapesp

A Expotec, por exemplo, é correalizada pelo Governo da Paraíba, com o apoio do Comitê Gestor da Internet no Brasil

ções interurbanas eram caras e correspondências demoravam cerca de três semanas para cruzar continentes.

Um dos casos emblemáticos foi a disseminação da verdade sobre a morte do seringueiro Chico Mendes, em 1988, no Acre. A versão oficial de que o ativista, defensor dos seringueiros, havia se suicidado foi desmentida e gerou polêmica internacional com mensagens que saíam de ONGs do Norte do Brasil para outras ONGs pelo mundo, através do Alternex.

O fato é relatado por Carlos Afonso, em entrevista para o livro que narra os primórdios na computação e da Internet, intitulado “Pássaros voam em Bando”. CA, como é conhecido na comunidade de Internet, contou que a primeira chance de conexão que o Ibase encontrou no Brasil, em 1984, foi o Transdata, um serviço da Embratel. “Em 1985, a Embratel inaugurou a Rempac e melhorou pra nós. Essa é a origem do BBS Alternex. Mas pelas normas podíamos

usar a Rempac somente como um terminal, com protocolos OSI, e o que estávamos fazendo era prover acesso a outros usuários e a outros BBS. Tinha gente de várias cidades do Brasil que conectava ao Alternex e daí para outros BBS mundo afora. Quando a Embratel descobriu, eles passaram a suspender nossa conexão, desligando o circuito Rempac. Volta e meia, Betinho tinha que entrar em contato com Brasília para solicitar a reativação”, registra na obra.

Marco na quebra de monopólios

Por outro lado, em 1995 já estava em operação no Brasil uma extensa rede acadêmica, interligando computadores de universidades e instituições de pesquisa em 15 estados e o Distrito Federal. Era o “backbone” da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), uma espinha dorsal de rede conectando esses pontos à nascente Internet global.

A RNP era um projeto que, a partir de seu lançamento em 1989, deu vazão aos esforços de pioneiros em diversas universidades e instituições científicas brasileiras que desenvolviam pesquisas em redes de computação. A esse projeto uniram-se pesquisadores como Liane Tarouco (UFRGS), Demi Getshko (Fapesp), Augusto Gadelha (LNCC), Michael Stanton (PUC-Rio), Tadao Takahashi (CNPq), Paulo Aguiar (UFRJ), entre outras pessoas.

A imprensa, principalmente a carioca e a paulistana, demonstrava interesse nas novidades nessa área, não só com relação a RNP como também nas promessas da Embratel de abrir o acesso público à Internet. A Telebras/Embratel monopolizava os serviços de telecomunicações – era a fornecedora dos links dedicados para as conexões interestaduais e internacionais – e desenvolvia pesquisas em transmissão de dados. Mas para isso usava o OSI, um protocolo diferente do TCP (Transmission Control Protocol) e o IP (Internet Protocol) no qual a Internet estava estruturada.

Detentora do monopólio, a Embratel se posicionava como a única candidata para ser a provedora de Internet no Brasil. Num embate para evitar o monopólio e permitir a competitividade no serviço de provimento de acesso à Internet, os pesquisadores em torno da RNP sabiam que o único backbone existente no Brasil, em condições

técnicas capazes de abrir o acesso à Internet para o grande público, era o acadêmico.

Assim, oportunamente, o então ministro das Comunicações, Sérgio Motta, estava no Rio de Janeiro e aceitou um convite de Betinho para um jantar. Nessa noite, com Betinho e sua esposa, estavam CA e Tadao Takahashi, esclarecendo ao ministro a importância de criar um mercado de provedores de Internet e que este era um serviço adicional ao de telecomunicações: usa recursos técnicos das telecomunicações, mas é muito mais do que isso. Serjão entendeu, pois vinha acompanhando o tema na imprensa.

Além disso, no Ministério da Ciência e Tecnologia, estava o então secretário de Política de Informática, Ivan Moura Campos, que apoiava a RNP. Ivan (com Tadao) articulava com o então ministro Israel Vargas a criação de uma normativa para regulamentar o serviço de provimento de acesso à Internet no Brasil.

Assim, há 25 anos, em 31 de maio de 1995, foi publicada Portaria Interministerial histórica para a trajetória da Internet no Brasil (Nº 174/95), que cria o Comitê Gestor da Internet no Brasil, responsável pelas boas práticas da operação como um todo. No mesmo dia, Sérgio Motta assina também a Norma nº 004/95 (Portaria 148, Minicom), que estabeleceu as diferenças entre os serviços de telecomunicações e de Internet, garantindo as condições de competitividade para o nascente mercado dos provedores de conteúdo e acesso à rede. Por tudo isso, e muitas outras histórias, durante a pandemia em 2020 tornou-se possível assistir em casa a um bom filme online e descobrir “que rinocerontes fêmeas produzem um excelente leite”.

CORONAVÍRUS

COMO ELE AGE?

Ele penetra pelas mucosas da boca, do nariz e dos olhos e atua principalmente nas vias respiratórias.

COMO É TRANSMITIDO?

A transmissão acontece de uma pessoa doente para outra ou por contato próximo, por meio de:



GOTÍCULAS DE SALIVA



SECREÇÃO



ESPIRRO E TOSSE



APERTO DE MÃO

QUAIS OS SINTOMAS MAIS COMUNS?

Febre, tosse, dificuldade para respirar, perda do apetite e do paladar.



COF! COF! COF!



38°



Fonte: Ministério da Saúde



Seu voto conta
PARAÍBA
Governo do Estado



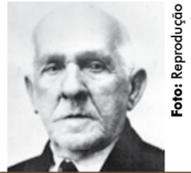


Foto: Reprodução

Margarida Maria Alves: um símbolo da luta camponesa

Há quase 40 anos, primeira líder sindical do país, foi assassinada na Paraíba e mandantes nunca foram condenados

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Doze de agosto de 1983. Eram entre seis e meia a sete horas da noite no pacato município de Alagoa Grande, situado no Brejo paraibano, a 117 km da capital João Pessoa. Margarida Maria Alves, uma das primeiras sindicalistas do país, observava da janela da sala seu filho de oito anos de idade brincando. Mal sabia ela que eram seus últimos momentos de vida. Foi nesse horário que um tiro de espingarda de calibre 12 milímetros ecoou, tirando a vida da mulher que se tornou referência na luta pelos direitos do trabalhador rural no Estado.

O jornalista Hilton Gouvêa, do Jornal A União, fez a reportagem sobre o episódio e lembra bem a barbaridade do crime que foi relatada para ele. “[Disseram que] Ela estava debruçada na porta, comendo milho, um chapéu de palha na cabeça. Encostou um opala vermelho, muito em voga na época. Desceu um homem com roupa de vaqueiro, perguntou se era Margarida e deu um tiro de 12. A cabeça dela voou e ficou na cumeeira. Fomos avisados por volta de oito horas da noite e chegamos uma hora depois com a Polícia Civil”, relatou.

Para Gouvêa, o que caracterizou como crime de encomenda foi a estratégia na hora da fuga. A luz elétrica foi apagada na cidade, e o carro nunca foi localizado. Um cigano chegou a ser preso, acusado pelo crime, mas foi solto por falta de provas.

A polícia da Paraíba chegou a prender algumas pessoas na época, mas o único incriminado foi o empresário Zito Buarque (falecido no ano passado), que chegou a ser preso, mas liberado em seguida. Era médico e genro do latifundiário Agnaldo Veloso Borges, suposto mandante do crime e dono da Usina Tanques.

Para o jornalista Hilton Gouvêa, o crime nunca foi esclarecido de fato. “Margarida estava criando uma situação humanitária para os cortadores de cana. Quando o cara era demitido, era ameaçado de morte. Ela lutou por esses direitos, muitos foram indenizados. Isso irritou Agnaldo Veloso Borges. A história foi abafada o máximo possível e até hoje ninguém sabe se ele foi, realmente, o mandante. Houve muito engodo”, afirmou.



Foto: Documentário “Uma questão de Terra” / Manfredo Caldas

A partir do assassinato de Margarida, o filme “Uma questão de terra” (foto), de Manfredo Caldas (já falecido), discute a violência no campo e o problema fundiário no Brasil

“É melhor morrer na luta do que morrer de fome”



Testemunha tenta identificar os criminosos responsáveis pelo assassinato encomendado



Foto: Arquivo do Jornal A União

“Quando conheci Margarida Maria Alves, ela já era presidente do sindicato de Alagoa Grande, e eu do sindicato de Patos. Era uma pessoa muito ativa nessa atividade, e os líderes ativos são vistos com maus olhos. A região dela tinha potencialidade de usinas de cana-de-açúcar e, por lá, havia sempre conflitos de trabalhadores. Por conta de seu envolvimento na luta pelos direitos deles, acabou sendo assassinada”, lembrou Liberalino Ferreira de Lucena, presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares da Paraíba (Fetag-PB).

Ele relatou que Margarida Maria Alves se engajou nessas reivindicações porque era agricultora e sabia das necessidades da classe. Passou a atuar diretamente no sindicato e se envolveu ainda nos movimentos populares e da igreja. “Era uma líder muito ativa e sua morte foi lamentável. Um crime muito bárbaro e até hoje não foi encontrado o verdadeiro culpado”, observou.

Margarida, que ganhou destaque ao lutar pelos direitos dos trabalhadores, também batalhou pela causa feminina. “O exemplo que ela deixa para as mulheres é, sobretudo, a coragem de lutar. Um dos grandes problemas das mulheres é que, muitas baixam a cabeça. Sofrem violência e fica por isso mesmo. Ela é um exemplo de mulher que lutou pelos direitos. Infelizmente, o direito à vida lhe foi tirado”, lamentou.

Inspiração para muitas “margaridas”

“É melhor morrer na luta do que morrer de fome”. A famosa frase dita por Margarida Maria Alves serve de inspiração para muitos sindicalistas até hoje, 37 anos depois de sua morte. Um dos que se agarram a essa fala é o presidente da Central Única dos Trabalhadores na Paraíba (CUT-PB), Sebastião José dos Santos.

“Margarida Maria Alves, que dá nome ao sindicato em Alagoa Grande, é símbolo de luta para os dias atuais, foi uma grande defensora dos direitos humanos, uma das primeiras sindicalistas entre as mulheres. Tem um legado muito bonito e nunca pode ser esquecida”, destacou.

Para Sebastião, a sindicalista sempre esteve à frente do seu tempo. “Na década de 70, já se destacava nos movimentos sindicais. É uma história que nunca vai morrer e inspira até nós, homens”, afirmou. Ele lembrou que, quando Margarida foi morta, era fim da ditadura. “Ela foi vítima dos grandes latifundiários. Não foi só a briga pelo direito à terra. Nas usinas de grandes latifundiários, ela lutou para acabar com o trabalho escravo. Hoje, graças a ela, temos muitas ‘margaridas’ que deram continuidade a essas lutas”, completou.



Foto: Arquivo do Jornal A União

Margarida lutou pelos direitos dos trabalhadores rurais



Foto: Arquivo do Jornal A União

Residência onde a líder sindical foi morta brutalmente



Foto: Orfilo Antonio

O viúvo José Cassimiro presenciou a execução



Foto: Arquivo do Jornal A União

Vários volumes do processo do caso Margarida

Uma flor da várzea no jardim da América Latina

Margarida Maria Alves começou a atuar no sindicato em 1960. Seu esposo, Severino Cassimiro, foi o primeiro presidente, e ela assumiu quando ele precisou se afastar por problemas de saúde. Ocupou o cargo entre as décadas de 60 e 80, na ditadura militar e num ambiente predominantemente masculino. As informações estão na tese “Terra que brota Margaridas e encerra vidas: judicialização da questão agrária e violência no campo paraibano”, da professora do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Luanna Louyse Martins Rodrigues, defendida em 2018 pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

“Ela foi pioneira no espaço público, político, num sindicalismo pouco combativo, que trabalhava mais em acordos entre

patrões e empregados. Nesse contexto, a ação dela destoava por ser conhecida como líder sindical muito radical na defesa dos trabalhadores e lutava pelos direitos deles, como a jornada de trabalho, pagamento de 13º, carteiras de trabalho assinadas, o descanso remunerado. Muito à frente do seu tempo, ela já pautava até mesmo a licença-maternidade das trabalhadoras canavieiras, cujos direitos eram completamente desrespeitados”, relatou a pesquisadora em seu trabalho acadêmico.

Dentro dessa atuação, Margarida passou a incomodar os grandes proprietários rurais da região, porque os levava à Junta de Conciliação e Justiça de Campina Grande para que pagassem indenizações pelo desrespeito aos di-

reitos dos trabalhadores. “Quando a sindicalista foi executada, tinha cerca de 71 ações e isso fez com que crescesse a animosidade dos grandes proprietários rurais em relação à atuação dela no sindicato”, registrou a professora do IFMA.

Margarida passou a receber ameaças, que foram respondidas por ela em discursos. “Por sua postura combativa, por sua coragem, pelo enfrentamento que ela ofereceu enquanto presidente do sindicato, foi executada de maneira bárbara, com uma arma de grosso calibre, à queima roupa observando seu filho de apenas oito anos de idade brincar na rua. Todos os suspeitos pelo crime não chegaram a ser condenados na Justiça paraibana, nem mandantes, nem executores. Isso levou o processo a ganhar repercussão

internacional, quando o caso foi levado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos para responsabilizar o Estado brasileiro por omissão”, explicou Luanna em sua tese.

“O legado que ela deixa extrapola sua própria luta, direcionado às lutas trabalhistas. Ela virou símbolo das pautas femininas. Seu nome recebeu uma homenagem na Marcha das Mulheres, que é uma das maiores manifestações da América Latina da atualidade. É símbolo de diversas frentes de luta pelo seu pioneirismo, pela sua coragem, por sua capacidade política que alcançava de maneira expressiva os trabalhadores. E ela deixa essa mensagem de luta e resistência para os camponeses, para o Brasil e outras partes do mundo”, concluiu.

Tito Silva e os tempos da máquina tipográfica

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@gmail.com

Tito Henrique da Silva nasceu em Areia, município localizado a 129 km de distância da capital paraibana, em 2 de janeiro de 1856. Foi nessa cidade onde ele se iniciou em serviços gráficos. Décadas depois, aos 37 anos de idade, seria nomeado o primeiro diretor do Jornal A União, fundado pelo presidente da província da Parahyba, Álvaro Machado, em 2 de fevereiro de 1893. Ao longo dos anos, a vida do jovem Tito revelaria boas surpresas.

Tito Silva começou com uma tipografia manual, em Areia,

O jornalista, industrial e pecuarista foi o diretor que mais tempo passou à frente de A União, em um total de 20 anos

ainda em Areia, na sua tipografia, alguns jornais como O Areense, O Século, A Educação e A Gazeta do Sertão. A jornalista e historiadora Fátima Araújo faz menção a Tito Silva, em seu livro "Paraíba: Imprensa e Vida". Ela explica que o ex-diretor do Jornal A União foi um exímio tipógrafo. "Ele imprimiu a feição gráfica de A União e a respectiva lógica funcional, ao lado de outros grandes tipógrafos da época, como João Cândia da Silva, Cassiano Hipólito, Francisco Rodrigues Godinho, Francisco Aranha de Farias e José Ulisses Noronha".

Fátima Araújo ressalta ainda que "alguns biógrafos ignoram ou omitem a participação desses profissionais, que ajudaram Tito Silva na feitura gráfica de A União". Vale ressaltar que o irmão de Tito Silva, Abel da Silva, também seguiu pelo caminho do jornalismo, sendo considerado um dos redatores pioneiros de A União.

na gestão de Castro Pinto, ficou no cargo a partir de meados de 1913 até o final de 1914. Seu ordenado variou de 1.500 mil Réis a 4 mil Réis. Para a época, esse era um valor razoável.

Como tipógrafo, Tito Silva era o mais procurado neste período entre a Paraíba e Pernambuco, por causa de seu conhecimento da gramática portuguesa e da habilidade em unir, manualmente, os tipos para montar as chapas de imprimir. Dizia que "jornal dava mais trabalho do que engenho ou padaria". Antes mesmo de ter sido nomeado para a Gazeta do Sertão e, posteriormente, dirigir A União, ele imprimiu,

seu livro "Paraíba: Imprensa e Vida". Ela explica que o ex-diretor do Jornal A União foi um exímio tipógrafo. "Ele imprimiu a feição gráfica de A União e a respectiva lógica funcional, ao lado de outros grandes tipógrafos da época, como João Cândia da Silva, Cassiano Hipólito, Francisco Rodrigues Godinho, Francisco Aranha de Farias e José Ulisses Noronha".

Fátima Araújo ressalta ainda que "alguns biógrafos ignoram ou omitem a participação desses profissionais, que ajudaram Tito Silva na feitura gráfica de A União". Vale ressaltar que o irmão de Tito Silva, Abel da Silva, também seguiu pelo caminho do jornalismo, sendo considerado um dos redatores pioneiros de A União.



Foto: Reprodução

Casamento inusitado e fábrica de vinhos

O pai de Tito Silva era o professor latinista Joaquim Henrique da Silva, autor de uma gramática em latim, que fundou um colégio na cidade de Areia para ensinar esta língua, gratuitamente. "Se não fosse o pai de Tito Silva, muita gente não teria acesso à educação," afirma o escritor Eduardo Martins.

Entre as boas surpresas da vida de Tito Silva esteve o seu casamento que, se não fosse da maneira como aconteceu, nunca seria celebrado. Os olhos azuis do rapaz fascinaram a "moçoila" Cilu Santos (Celina Eugênia dos Santos Coelho Lisboa e Silva), filha do pecuarista e senhor de engenho Antonio Santos, na época um dos homens ricos de Areia. O pai da moça se opunha ao casamento, porque Tito, filho de um professor, não tinha dinheiro para casar e constituir família.

Tito insistia e Cilu correspondia mesmo havendo obstáculos ao romance. Uma noite, ao fazer o costumeiro passeio pela rua da namorada, ela o surpreendeu, ao mostrar-lhe um lenço, com suas joias embulhadas. Ele compreendeu a mensagem da amada: levou-a para a casa de sua tia, dona Xixi, e foi providenciar os papéis para o casório e fazer outras aquisições.

Era o ano de 1879. Cilu, aos 18 anos, filha de família rica, tinha duas escravas para lhe vestir e pentear. Agora, casava com um rapaz pobre. Mas, em pouco tempo, estava cozinhando e passando para o marido. Com a fábrica de vinho na fase embrionária, em Areia, ela também ajudava Tito a espremer caju.

Bebida com frutos regionais

O arquiteto e museólogo Rodrigo Cantarelli, da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), publicou um texto no site oficial da autarquia sobre Tito Silva. Segundo ele, o paraibano de Areia, poucos meses antes de ser nomeado diretor de A União, fundou a Fábrica de Vinhos de Caju Tito



Foto: Arquivo

Tito Silva ao lado da esposa Dona Cilu e acompanhado das filhas; ele foi também importante industrial premiado internacionalmente

Silva & Cia, em 1892, a primeira do gênero no Nordeste e no Brasil. João Pessoa ainda era chamada Cidade de Parahyba do Norte. Os produtos Tito Silva conquistaram prêmios de reconhecimento internacional – um em Bruxelas (1911) e outro na Exposição do Centenário da Independência do Brasil (1922), no Rio de Janeiro.

Antes de importar equipamentos da Inglaterra, Alemanha e dos Estados Unidos, ele utilizava um processo de fabricação artesanal. Equipada, a fábrica chegou a produzir de 20 a 30 toneladas de vinho de caju por dia, obtendo comercialização até no exterior. Quando a fábrica estava no auge, Tito inventou uma trituradora hidráulica que permitia diversificar seus produtos e engarrafá-los

com rapidez, atingindo uma produção de 1,2 milhões de litros por ano.

Cantarelli registrou que "a Tito Silva & Cia não apenas comercializava os vinhos de caju – Lágrima de Ouro, Celeste e Restaurador. Também vendia produtos de outros estados, como vinhos e vinagres. E disponibilizava, no mercado local, além do vinho de caju, o vinho de uva e o de jaboticaba, vinagre, álcool, aguardente, genebra e néctares de frutas, como o de jenipapo".

A fábrica entrou em decadência financeira a partir de 1964. Nos anos de 1970, o estratégico papel desempenhado pelo caju no contexto socioeconômico e cultural brasileiro, especialmente no Nordeste, levou o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) a descobrir a Tito Silva & Cia, em um estudo que objetivava mapear a representatividade do caju para a cultura brasileira.

Cantarelli explica ainda que o estudo revelou a importância da técnica de produção do vinho de caju para o povo brasileiro. Em 1984, o edifício da fábrica foi tombado, sendo esse também o ano no qual a fábrica encerrou suas atividades. Olga Maria da Silva, uma de suas herdeiras, doou uma coleção à Fundaj, em 1985. Ela continha, além de rótulos comerciais, outros componentes gráficos pertencentes à empresa, incluindo propagandas e materiais de expediente, num total de 676 documentos.

O projeto de revitalização da fábrica e de valorização de sua técnica articulada em 1984, não obteve êxito, segundo Cantarelli. "E a Tito Silva & Cia ficou abandonada até 1997, quando teve início um projeto de restauração do prédio, concluído em 2003. Hoje, esse edifício é sede da Oficina Escola de João Pessoa, projeto social que capacita jovens e adultos para atuar na conservação e restauração do Centro Histórico de João Pessoa".

Amizade com o poeta Augusto dos Anjos

Além de um rico industrial, Tito Silva foi professor de Latim e Literatura no Lyceu Parahybano, onde foi substituído – na cadeira de Literatura – pelo poeta Augusto dos Anjos. Esta amizade com o autor do "Eu" permitiu a Dulce Silva, irmã de Tito, que era uma mulher de rara beleza, aproximar-se de Odilon dos Anjos, irmão do poeta, com quem ela terminou se casando.

Guilherme Henrique da Silveira e Silva, trineto de Tito Silva, disse sobre a amizade de seu ascendente com o poeta: "Dulce dos Anjos inspirou Augusto, sendo mote em vários versos".

Apesar de apreciar a poesia, Tito transparecia seu gosto pela literatura, ao tornar-se exímio tradutor dos poetas Virgílio e Horácio

Apesar de apreciar a poesia, Tito transparecia seu gosto pela literatura, ao tornar-se exímio tradutor dos poetas Virgílio e Horácio.

Apesar de apreciar a poesia, Tito transparecia seu gosto pela literatura, ao tornar-se exímio tradutor dos poetas Virgílio e Horácio.

Outras tantas curiosidades

Ulisses Guimarães, o titerê brasileiro das "Diretas Já", fez uma visita a João Pessoa, em 1989, a fim de proferir algumas palestras. Na ocasião, encontrou-se com o escritor e jornalista José Octávio de Arruda

Mello, que o acompanhou em sua estada na capital paraibana. A esposa de Octávio, Amável Arruda, dirigia o carro, tendo ao lado o seu filho Victor. Ulisses e Zé sentavam no banco traseiro.

Ao passarem por Miramar, a caminho da universidade Unipê (na época chamada IPÊ), Ulisses se admirou com o nome de uma das ruas, chamada Tito Silva. Zé Otávio pediu licença ao "Velhinho" (alcanha dada a Ulisses durante a

campanha das "Diretas Já") e explicou: "Trata-se de uma homenagem ao primeiro sogro de sua esposa, dona Mora". Ulisses respondeu: "É precisava pedir licença, Octávio? O que vem de Mora me alegra o coração".

Ulisses era casado com Mora (seu nome de batismo era Ida Magnani Almeida) em segundas núpcias. Antes, Mora fora casada com um filho de Tito Silva, chamado Raul dos Santos Silva.

Com ele teve dois filhos: Tito Henrique Silva Neto e Celina Ida. Ambos foram adotados por Ulisses como se fossem seus, pois entre ele e Mora não houve filhos.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Ai, que saudade do velho e bom fotojornalismo!

Para onde vão as imagens que deixaram de ser feitas para os jornais? Penso sempre nisso quando me lembro da falta que sinto de ver uma bela fotografia jornalística estampando quatro ou seis colunas de uma página impressa. Claro, aqui na Paraíba, ainda temos o centenário Jornal A União para contar história e retratar a nossa realidade por meio de imagens, mas os outros veículos que morreram, ao longo dos anos, fazem muita falta sim.

A foto que eu não vejo mais no jornal não é a mesma que ocupa espaço hoje nos sites, blogs, portais e redes sociais. Sim, ainda há quem faça fotojornalismo por dilettantismo por essas bandas, mas são bem poucos e os registros ficam restritos aos perfis nas redes sociais.

Sem O Norte, Diário da Borborema, Jornal da Paraíba e Correio da Paraíba, para citar alguns veículos que fecharam aqui no Estado na última década, perdemos um pouco da nossa capacidade de indignação perante algumas situações críticas. Também de refrescarmos nosso cotidiano ao ver o instante eternizado de uma criança brincando no parque, a pipa bailando no céu ou a pelada de

fim de tarde em algum terreno baldio. Quando trabalhava em jornal impresso, ver a produção fotográfica do dia era um dos momentos de que eu mais gostava. Alcancei ainda a fase analógica, quando esperava as fotos reveladas chegarem até mim pelas mãos de Cícero Silvestre, Assuero Lima ou Zé Marques.

Com a revolução digital, tudo ficou mais fácil, e os fotógrafos não precisavam economizar cliques ou ter medo de queimar o filme. Já, a busca pela foto que iria estampar a capa se dava em uma pasta do computador ou no Banco de Imagens da empresa. Por vezes, eu ia diretamente à fonte e ficava ao lado dos fotógrafos, observando (eles diriam importunando mesmo) enquanto as fotos do dia ou para a edição do fim de semana eram selecionadas e salvas.

Sabe aquela antiga máxima uma imagem vale mais que mil palavras? Ela se fez realidade em várias e várias edições. Muitas vezes, a notícia nem sequer valia muito a pena, talvez fosse lida por pouca gente, mas a foto era fantástica — e merecia um bom espaço na capa. Não foram poucos os dias que uma imagem



Foto: Rizenberg Felipe

de Francisco França, Rizenberg Felipe, Kleide Teixeira, Felipe Gesteira ou Mano de Carvalho, por exemplo, salvaram uma edição! E eles sabem disso! Ainda bem que sabiam e se desdobravam, cada um ao seu modo, para ocupar o espaço mais valorizado da capa.

Numa época em que a maioria das pessoas tem um smartphone ou mesmo uma câmera na mão, necessário dizer que tirar foto é diferente (deveras, aliás), de fazer fotojornalismo. Não basta saber apertar

botões, escolher o melhor ângulo ou a velocidade ideal para se fazer o registro. É preciso estudo, criatividade, leitura de mundo, sensibilidade, feeling!

De algum modo, entendo que compreender/apreender o ambiente a ser registrado, faz parte desse processo. Ou como já dito pelo célebre fotógrafo Robert Capa no livro "Ligeiramente fora de foco": Se suas fotos ainda não estão boas o suficiente, é porque você ainda não está perto o suficiente.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Noel Rosa e sua favorita Marília Batista

Onde quer que fosse Marília Batista, a princesinha do samba, repetia uma frase de Confúcio, o sábio e filósofo chinês: "Se alguém deseja saber se um reino é bem governado ou não e se sua moral é boa ou má, examine a qualidade de sua música e, então, obterá a resposta".

A respeito desta moça, que se tornou a cantora favorita de Noel, Carlos Didier e João Máximo têm algo a contar, no livro que fizeram juntos, intitulado "Noel Rosa: Uma Biografia". Segundo eles, Marília, uma fina moça de sangue azul, da sociedade carioca, conheceu o incorrigível boêmio Noel, numa fase de vida em que ele já era considerado o gênio da MPB. Era uma nineta magra, miúda, de cabelos castanhos claros, olhos meio orientais ligeiramente rasgados, e que adotava gestos discretos, quando falava com alguém.

Ela aguardava a vez de subir no palco quando, ao procurar seu violão, notou que o instrumento estava nas mãos de Noel, que acabava de tomar uma cerveja e, ao que tudo indicava, intencionava experimentar o instrumento. Marília dirigiu-se apressada e apreensiva para junto daquele rapaz magro que não conhecia, e que, agora, sem gaguejar, falava com ela normalmente. Explicando: Noel tinha se apresentado cantando o samba – ainda desconhecido – "Gago Apai-

xonado" e, é claro, gaguejava na melodia porque a letra assim o exigia. Pessoalmente, sua voz soou normal.

De corpo presente e olho no olho, aquele moço que pegara, inadvertidamente, o violão de Marília, ressurgia como um enigma, diante dos olhos dela. Mesmo no samba do gago apaixonado, ela notou que ele parecia imprimir, a cada verso e palavra, uma beleza especial ao que cantava. Foi o que fez Marília mudar de ideia, quando a ele se dirigiu, pois pretendia ser grosseira, mas não o foi. Ao contrário, permaneceu aí, dócil, ao lado de Noel, ouvindo-o cantar se acompanhando ao violão que o pai lhe dera como presente.

Nasce uma grande amizade para a MPB

Quando Noel terminou de cantar aquele samba, cantado ao compasso de seu violão, Marília perguntou-lhe o nome da canção e ele respondeu: "Verdade Duvidosa". A beldade ficou maravilhada, com os olhos lânguidos e desfez-se em elogios, dirigidos aquele rapaz do queixo oblíquo, que acabara de conhecer. Nasceu ali uma amizade, que entraria com o pé direito na História da MPB e que, mais tarde, responderia a uma pergunta até então sem resposta: "Marília Batista foi mesmo a preferida de Noel?" Respondo: Sim, disparadíssima, foi a me-

lhor cantora das composições que Noel reservou para ela gravar.

Aquele histórico encontro Marília-Noel aconteceu em 1932. Marília enturmou-se com o compositor e sua plêiade de amigos influentes e, no mesmo ano, gravou "Pedi, implorrei, me larga", de sua autoria e do irmão Henrique, com as bênçãos de Noel. Em seguida, Almirante a chama para participar da Otavo Brodway, ao lado de nomes famosos como Sílvio Caldas, Jorge Fernandes e Rogério Guimarães, o que abria mais um leque de oportunidades para Marília. Naturalmente, ela participaria de programas de auditório, liderada pelo pernambucano Ademair Casé, que a contrata com um cachê mensal de 45 mil réis, uma quantia respeitável para a época.

Ao lado de Noel, foi a consagração. Mostra na improvisação, ela se ajusta como uma luva, no programa "De Babado Sim", onde cada cantor improvisava um verso, intercalando parte da canção com ela e Noel. Este momento da intercalação de vozes de famosos com Noel era esperado ansiosamente pela plateia. Daí lamentarmos que versos geniais desse quilate, tenham se perdido com o tempo. Marília se manteve profissionalmente fiel a Noel, até o compositor morrer, em 1937. Participou das últimas gravações do boêmio ("Provei", de Noel e Vadico: "Você Vai se Quiser", de Noel)

Baú com as recordações de Noel

Marília ainda guardou vários versos, cartas e memórias de Noel. Ela morreu aos 72 anos no Rio de Janeiro, em 9 de julho de 1990. Nasceu na mesma cidade, em 13 de abril de 1918. No samba "Balão Apagado",

ela conquistou um título muito cobiçado: foi a única mulher, musicalmente, parceira de Noel. A cantora, que atuou em grande parte de sua carreira na Rádio Nacional, se casou na década de 1940. E só voltou a gravar nos anos de 1950. Em 1963, fez um álbum duplo e o intitulou "História Musical de Noel Rosa". Quem quiser pesquisar música, esta obra serve de grande referência.

Em 1940, ainda presa à memória de Noel, ela gravou o samba, que se tornou um clássico: "Silêncio de um Minuto". Com timbre de voz caracteristicamente grave (semelhante ao de Alcione, o que era novidade numa cantora da época), dedicou-se, sempre, a divulgar a obra de Noel e as músicas de sua autoria, com seu irmão Henrique Batista. Marília era de família carioca de tradição, pois se destacava como neta do Barão Luís Monteiro de Barros, de grande influência no Brasil Império. Noel, com suas melódicas composições, conquistou a admiração de uma moça do sangue azul, que nunca deixou de admirá-lo.

Amigos mais chegados, talvez com ciúmes profissionais, criticava Noel por ele destinar tanta atenção a Marília. Estaria apaixonado por ela? Houve um caso de amor entre eles? Parece que eles souberam separar as coisas: nada de envolver interesses profissionais com sentimentos. Também, ao que tudo indica, um não era o tipo ideal para outro. Se rolou algo de sentimental entre Marília e Noel, a história não gravou. Arriscar uma opinião é, simplesmente, opinar de forma aleatória. Noel era chegado às paixões proibidas, esdrúxulas e exóticas. Marília, só tinha de exótico sua admiração por Noel.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

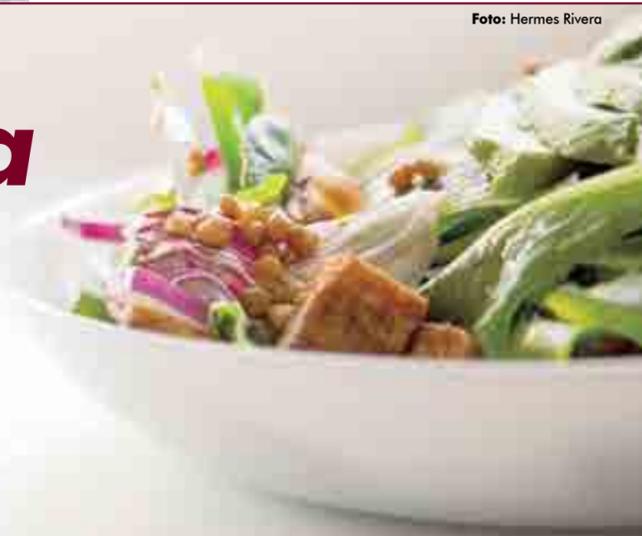
Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante, em João Pessoa, e tem Especialização na Le Scoledicucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Hermes Rivera

Quem vê cara não conhece o coração



Vejo muitas Lives de pessoas que dizem ser influenciar ou falar que entendem de alguma coisa de gastronomia, sem nunca ter trabalhado na área.

E não poderia ficar calado diante de tantos absurdos falados. O que mais vejo em Lives, são pessoas falando que não comem comidas de locais que elas não conhecem a cozinha. Aí chego a me perguntar onde estavam estas pessoas antes desta pandemia?

Existe um ditado popular que diz: "Gaiola bonita não dá de comer a canário".

E é a mais pura verdade. Já passei por muitas cozinhas de restaurantes conceituados aqui no Brasil e no mundo, e o que já vi de coisas absurdas não era brincadeira. Em alguns lugares eu não estava como chef, em outros sim, mas o coração do restaurante só conhece quem está dentro dele, muitas vezes o próprio dono não sabe o que se passa dentro.

Como poderia desprezar os restaurantes de beira de estrada a caminho de Campina Grande com suas panelas estupidamente areadas, um cheiro da comida da vovó de encher a boca de quem agora está lendo, não poderia deixar de falar o amor que é preparado a comida no mercado da torre pelo restaurante da Dona Irene, nem muito menos as barracas de comidas existentes no nosso mercado central. Isso é raiz de alta gastronomia de verdade, pois são feitas com produtos da terra ao lado e com um amor inigualável.

Eu posso falar, pois além de chef de cozinha, eu como essas comidas citadas de todos esses locais.

As pessoas falam o que não sabem e não valorizam o micro empreendedor local. Não sabem o quão grande está sendo essa fase pela qual todos estão passando. Os grandes e de renomes nacionais, esses têm um banco para apoiar, se não tem, faz uma forma para pagar suas contas. Mas o pequeno ele está rastejando, dando o sangue, vendendo o almoço para garantir o material para a janta.

Quem nunca comeu em uma rodoviária, ou fez um almoço em um mercado, ou mesmo um lanche daqueles carrinhos de caldo de cana e salgado feito na hora, não sabe o que é uma vida gastronômica de verdade.

Eu sei o que é ir da Champs-Élysées em Paris até ao Terminal Rodoviário Clóvis Rolim em Cajazeiras comer o famoso - como se fala lá - aparmegianado de carne com macarrão ao molho de tomate no Restaurante Rodoviário, considerado o melhor restaurante da cidade.

A verdade real só é vista quando eu tiro o meu olho clínico de que as pessoas aprovam, para o que eu realmente vejo e aprovo com meu conceito de entendedor da verdadeira gastronomia seja ela qual for, mas que seja raiz e que possa favoritar aos meus princípios éticos e moral do que estou falando.

O coração de um restaurante nunca será no exterior, e sim onde está vindo a comida que é colocada na mesa, o mesmo no delivery que você está recebendo em casa. Seja qual for, de preferência ao pequeno empreendedor. Tudo isso vai passar!



PITADAS A GOSTO

É muito engraçado isso, mas o bife ou filé à parmegiana tem origem brasileira e não italiana. Existem diversas histórias, inclusive algumas controversas de que o prato foi inventado na Itália na região de Parma onde é fabricado o Queijo Parma, utilizado para fazer o prato. Outra história de que o prato foi criado por descendentes italianos e entra no cardápio de pratos internacionais. Curiosidades à parte, hoje em dia o bife à parmegiana é muito conhecido e apreciado por muitos brasileiros, assim como eu.



Foto: Arquivo Pessoal



PRATO DO DIA

Aparmegianado de carne à moda do Chef

Ingredientes

- 2 bifes filés de alcatra de 250g cada peça
- 1 xícara de farinha de trigo
- 2 ovos
- 1 pitada de sal
- farinha de rosca
- 1 lata de extrato de tomate
- 1 pitadinha de açúcar
- 6 fatias de muçarela

Modo de preparo

Tempere os bifes a gosto. Passe os bifes na farinha de trigo. Bata ligeiramente os ovos (dois ou mais) com uma pitadinha de sal e passe os bifes nessa mistura. Passe os bifes na farinha de rosca. Faça com que a massa fique bem aderida aos bifes. Frite os bifes ou leve ao forno por aproximadamente 35 min, deixe-os em papel toalha para que sequem bem e coloque-os em uma forma refratária.

Montagem:

Faça um molho com extrato de tomate e uma pitadinha de açúcar e coloque sobre os filés. O melhor sempre será o seu próprio molho de tomates. Cubra-os com as fatias de muçarela e coloque no forno por aproximadamente 10 minutos.

Pessoalmente, prefiro queijo prato e recomendo polvilhar bastante queijo parmesão ralado, antes de gratinar.

Para acompanhar batatas fritas bem douradas e arroz branco.